

Tradução de Fernanda Semedo

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

nora Roberts

Um Dia
Perfeito



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

*Para Dan e Stacie.
Para Jason e Kat.
Por todos os momentos.*

*Seduz a minha mente e podes ter o meu corpo,
Procura a minha alma e serei tua para sempre.*
— Anónimo

*Não é somente a semelhança que é preciosa... mas a cumplicidade
e sentimento de intimidade nela envolvidos... a própria sombra da pessoa
ali firmada eternamente!*
— Elizabeth Barrett Browning

PRÓLOGO



Aos oito anos, Mackensie Elliot já casara catorze vezes. Uma vez com cada uma das suas melhores amigas — como noivo ou como noiva —, com o irmão da melhor amiga (sob protesto deste), com dois cães, três gatos e um coelho.

Em incontáveis outros matrimónios fizera de dama de honor, madrinha da noiva, acompanhante do noivo, padrinho ou oficiante.

Embora as dissoluções fossem invariavelmente amigáveis, nenhum dos casamentos durara mais de uma tarde. O aspeto transitório do matrimónio não constituía surpresa para Mac, pois os próprios pais ostentavam dois cada um no seu currículo — por enquanto.

O Dia do Casamento não era a sua brincadeira favorita, mas agradava-lhe fazer o papel de padre, de reverendo ou de juiz de paz. Ou, depois de ter assistido ao *bar mitzvah* do sobrinho da segunda mulher do pai, de rabino.

Além disso, gostava dos bolos, das bolachinhas decoradas e da limonada gasosa que eram servidos nas receções.

Era a brincadeira favorita de Parker e decorria sempre na propriedade dos Brown, com os seus vastos jardins, os agradáveis bosques e o lago cor de prata. Nos invernos frios do Connecticut, a cerimónia podia ser levada a cabo diante de uma das lareiras crepitantes no interior da mansão.

Celebravam casamentos simples e casamentos elaborados. Casamentos reais, fugas amaldiçoadas da casa paterna, casamentos com temas de circo e de navios-pirata. Todas as ideias eram analisadas com seriedade e

sujeitas a votação, e nenhum tema ou traje era considerado demasiado ex-cêntrico.

Contudo, com catorze casamentos no cadastro, Mac começou a ficar um pouco farta do Dia do Casamento.

Até ter experimentado um momento determinante.

Como presente do seu oitavo aniversário, o encantador e quase sempre ausente pai mandara-lhe uma máquina fotográfica *Nikon*. Ela nunca manifestara qualquer interesse pela fotografia e, de início, relegou-a para junto de outros presentes insólitos que o pai lhe dera ou enviara depois do divórcio. Porém, a mãe de Mac comentou com a *sua* mãe, e a avó resmungou censuras sobre «aquele fraco e imprestável Geoffrey Elliot» e a falta de propósito de oferecer uma máquina fotográfica para adultos a uma menina que ficaria mais bem servida com uma boneca *Barbie*.

Como em geral, por uma questão de princípio, discordava da avó, o interesse de Mac pela máquina aumentou exponencialmente. Para irritar a senhora — que as visitava esse verão, em vez de permanecer na comunidade para reformados de Scottsdale, que, na opinião de Mac, era o lugar dela —, a rapariga começou a arrastar a *Nikon* para todo o lado. Brincou com ela, fez experiências. Fotografou o quarto, os pés, as amigas. Instantâneos desfocados e escuros, ou indistintos e descoloridos. Devido à sua falta de êxito e ao divórcio iminente da mãe e do padrasto, o interesse de Mac pela *Nikon* começou a esmorecer. Mesmo passados anos, não sabia dizer o que a motivara a levá-la consigo para casa de Parker naquela bela tarde de verão, para brincarem ao Dia do Casamento.

Tinham planeado cuidadosamente cada pormenor de um casamento tradicional no jardim. A noiva, Emmaline, e o noivo, Laurel, trocariam os seus votos sob o roseiral. Emma usaria o véu e a cauda de renda que a mãe de Parker fizera com uma toalha de mesa velha, enquanto *Harold*, o idoso e afável *golden retriever* de Parker, a acompanharia pelo carreiro do jardim, para a entregar ao noivo.

Uma seleção de *Barbies*, *Kens* e outros bonecos, assim como uma série de animaizinhos de peluche, ladeavam o caminho, fazendo de convidados.

— É uma cerimónia muito privada — comunicou Parker enquanto se debatia com o véu de Emma. — Segue-se uma pequena recepção no pátio. Agora, onde está o padrinho?

Laurel, com o joelho esfolado de fresco, apareceu através de um trio de hortênsias.

— Fugiu e trepou a uma árvore atrás de um esquilo. Não consigo fazê-lo descer.

Parker revirou os olhos.

— Eu vou buscá-lo. Não debes ver a noiva antes da cerimónia. Dá azar. Mac, tens de compor o véu da Emma e ir buscar-lhe o ramo de flores. Eu e a Laurel vamos tirar o *Mr. Fish* da árvore.

— Apetecia-me mais ir nadar — disse Mac, dando um puxão distraído ao véu de Emma.

— Podemos ir, depois de eu me casar.

— Creio que sim. Não estás farta de te casares?

— Oh, não me importo. E cheira tão bem aqui fora. Está tudo tão bonito.

Mac entregou a Emma o ramo de dentes-de-leão e violetas selvagens que tinham permissão para colher.

— Estás bonita.

Era, invariavelmente, verdade. O cabelo escuro e brilhante de Emma tombava sob a renda branca. Os olhos, de um castanho muito escuro, luziam enquanto ela cheirava o ramalhete. Estava bronzeada, quase dourada, pensou Mac, descontente com a sua pele branca como o leite.

Era a maldição das ruivas, dizia a mãe, pois os seus cabelos cor de cenoura eram herança do pai. Aos oito anos era alta para a idade e magra como um espeto, com os dentes já presos num aparelho odioso.

Pensou que, a seu lado, Emmaline parecia uma princesa cigana.

Parker e Laurel voltaram, dando gargalhadinhas, com o padrinho felino bem preso nos braços da primeira.

— Toda a gente para os seus lugares. — Parker depositou o gato nos braços de Laurel. — Mac, tens de te vestir! Emma...

— Não quero ser dama de honor. — Mac olhou para o vestido de Cinderela, de saia muito rodada, dobrado em cima de um banco do jardim. — Aquela coisa faz comichão e é quente. Porque não pode o *Mr. Fish* fazer de dama de honor e eu ser o padrinho?

— Porque já está planeado. Toda a gente fica nervosa antes de um casamento. — Parker atirou para trás as compridas tranças castanhas, depois examinou o vestido em busca de rasgões ou nódoas. Satisfeita, entregou-o a Mac. — Está tudo bem. Será uma cerimónia linda, com amor verdadeiro, e os noivos serão felizes para sempre.

— A minha mãe diz que isso de serem felizes para sempre é uma treta.

A declaração foi seguida por um momento de silêncio. A palavra não proferida, *divórcio*, parecia suspensa no ar.

— Não acho que tenha de ser. — Com os olhos cheios de compreensão, Parker aproximou-se e acariciou o braço nu de Mac.

— Não quero usar o vestido. Não quero ser dama de honor. Eu...

— Está bem. Não faz mal. Podemos ter uma dama de honor a fingir. Olha, podes tirar as fotografias.

Mac baixou o olhar. Já nem se lembrava que tinha a máquina ao pescoço.

— Nunca ficam bem.

— Pode ser que desta vez fiquem. Vai ser divertido. Serás a fotógrafa oficial do casamento.

— Tira-me uma com o *Mr. Fish* — insistiu Laurel, encostando a sua cabeça à do gato. — Tira uma, Mac.

Com pouco entusiasmo, Mac ergueu a máquina e premiu o disparador.

— Já devíamos ter pensado nisto! Podes fazer fotografias oficiais do noivo e da noiva, e outras fotos durante a cerimónia. — Ocupada com a nova ideia, Parker pendurou o vestido de Cinderela no arbusto das hortênsias. — Vai ser bom, vai ser divertido. Tens de descer o caminho com a noiva e o *Harold*. Tenta tirar umas boas fotos. Eu espero, depois ligo a música. Vamos!

Haveria bolinhos e limonada, fez Mac por se lembrar. E, mais tarde, iriam nadar e divertir-se. Não fazia mal se as fotografias fossem estúpidas, não fazia mal se a avó tivesse razão e ela fosse demasiado nova para a máquina.

Não fazia mal que a mãe estivesse outra vez a divorciar-se, nem que o padrasto, que era um homem bom, já se tivesse mudado.

Não fazia mal que o «felizes para sempre» fosse uma treta, porque, afinal, era tudo a fingir.

Tentou tirar fotografias a Emma e ao prestável *Harold*, imaginando o filme revelado e as imagens desfocadas e com manchas do seu polegar, como sempre.

Quando a música começou, sentiu-se culpada por não ter usado o vestido áspero e permitido que Emma tivesse a sua dama de honor, tudo porque a mãe e a avó a tinham posto maldisposta. Então, afastou-se para o lado e esforçou-se por tirar uma boa fotografia de *Harold* a acompanhar Emma pelo carreiro do jardim.

Pensou que, através das lentes, podia focar o rosto de Emma de uma maneira diferente — e como era bonita a forma como o véu lhe caía sobre o cabelo e como o sol brilhava através da renda.

Tirou mais fotografias enquanto Parker iniciava a cerimónia, no papel de reverendo Whistledown, Emma e Laurel davam as mãos e *Harold* se enrolava para dormir e ressonar aos pés delas.

Notou como o cabelo de Laurel era brilhante, como o sol incidia nas pontas que escapavam do chapéu preto de copa alta. Como os bigodes de *Mr. Fish* estremeciam quando ele bocejava.

Quando aconteceu, aconteceu tanto dentro de Mac como fora. As

três amigas estavam reunidas sob a luxuriante abóbada branca do roseiral, um triângulo de rapariguinhas bonitas. Qualquer instinto fez Mac mudar muito ligeiramente de posição e inclinar um tudo-nada a máquina. Desconhecia que se tratava de composição, apenas sabia que ficava mais bonito.

Então, uma borboleta azul esvoaçou para dentro do seu campo de visão e pousou no centro de um dente-de-leão amarelo, no ramo de Emma. A surpresa e o prazer revelaram-se nos três rostos daquele triângulo sob as rosas brancas, como se fossem só um.

Mac premiu o disparador.

Ela sabia, *sabia*, que a fotografia não ficaria desfocada nem escura, não ficaria indistinta nem descolorida. O seu polegar não estaria a bloquear a lente. Sabia exatamente como ficaria a fotografia e que, afinal, a avó não tinha razão.

Talvez o «felizes para sempre» fosse uma treta, mas Mac sabia que queria tirar mais fotografias de momentos que *fossem* felizes. Porque, assim, esses momentos seriam eternos.

CAPÍTULO UM



No primeiro dia de janeiro, Mac rolou na cama para dar uma palmada no despertador e deu por si caída de barriga para baixo no chão do estúdio.

— Merda. Feliz Ano Novo.

Ficou ali, tonta e surpreendida, até se recordar que não chegara a subir as escadas para se deitar e que o alarme era o do computador, que programara para o meio-dia.

Pôs-se de pé e cambaleou até à cozinha e à máquina de café.

Por que razão as pessoas queriam casar na véspera de Ano Novo? Porque desejariam levar a cabo uma cerimónia formal num feriado concebido para uma maratona de bebida e, provavelmente, sexo inadequado? E precisavam de arrastar consigo a família e os amigos, para não mencionar os fotógrafos de casamentos.

Claro que, quando a receção finalmente terminara, às duas da manhã, poderia ter ido para a cama, como uma pessoa saudável, em vez de descarregar e rever as fotografias do casamento Hines-Myers durante quase mais três horas.

Mas, caramba, muitas eram realmente boas, e algumas eram mesmo fabulosas.

Ou seriam uma porcaria e ela avaliara-as dominada por uma euforia pouco lúcida?

Não, eram bons instantâneos.

Adicionou três colheres de açúcar ao café escuro e bebeu-o à janela,

olhando a neve que cobria os jardins e os relvados da propriedade dos Brown.

O casamento fora um bom trabalho, pensou. Talvez Bob Hines e Vicky Myers seguissem o exemplo e fizessem um bom trabalho do seu casamento.

Fosse como fosse, as memórias desse dia não se desvaneceriam. Os momentos, grandes e pequenos, estavam registados. Ela haveria de os refinar, de os retocar, de os imprimir. Bob e Vicky poderiam visitar aquele dia em imagens na semana seguinte. Ou dali a sessenta anos.

Isso, pensou, era tão poderoso como café escuro e doce numa fria manhã de inverno.

Abriu um armário e tirou uma caixa de bolachas *Pop-Tart*. Enquanto comia uma, de pé, examinou a agenda para o dia.

Às seis, o casamento Clay-McFearson (Rod e Alison). Isto significava que a noiva e as suas acompanhantes chegariam às três horas e o noivo, com os seus, às quatro. Tinha até às duas horas, quando fariam a habitual reunião prévia ao evento na casa principal.

Tempo suficiente para tomar duche, vestir-se, consultar os apontamentos, verificar e voltar a verificar o equipamento. O seu último exame à previsão do tempo anunciava céu ensolarado e uma máxima de zero graus. Seria capaz de fazer uns bons instantâneos de prova com luz natural e talvez convencer Alison — se ela estivesse disposta — a posar para um retrato de noiva na varanda, com a neve por cenário.

A mãe da noiva, recordou Mac — Dorothy («chama-me Dottie») — era do género dominador e exigente, mas alguém trataria dela. Se não o conseguisse fazer pessoalmente, Parker conseguiria. Parker era capaz de lidar com qualquer pessoa e com qualquer coisa.

A energia e determinação de Parker tinham, num período de cinco anos, transformado a Votos numa das empresas mais importantes do Estado na área da organização de casamentos e outros eventos. E a empresa transformara em esperança a tragédia da morte dos seus pais, transformando a fabulosa casa vitoriana, assim como os fabulosos terrenos da propriedade dos Brown, num negócio exclusivo e florescente.

E, pensou Mac enquanto engolia a última *Pop-Tart*, ela própria também era uma das razões.

Atravessou o estúdio na direção das escadas que conduziam ao seu quarto e casa de banho e deteve-se junto de uma das fotografias que preferia. A noiva, resplandecente e em êxtase, com o rosto erguido e os braços estendidos, de palmas viradas para cima, salpicada por uma chuva de pétalas de rosa.

Fora capa da *Today's Bride*, pensou Mac. *Porque eu sou mesmo boa.*

Com meias grossas, calças de flanela e camisola, subiu as escadas para se transformar de uma viciada em *Pop-Tarts*, cansada e de pijama, numa sofisticada fotógrafa de casamentos.

Ignorou a cama por fazer — para quê fazê-la, se ia desfazê-la novamente? — e a desarrumação do quarto. O duche quente completou o trabalho do açúcar e da cafeína, limpando quaisquer teias de aranha que restassem, e Mac pôde concentrar-se seriamente no trabalho do dia.

Tinha uma noiva interessada em desafiar a sua criatividade, uma Mãe da Noiva passivo-agressiva, convencida de que sabia tudo, um noivo tão apaixonado que faria qualquer coisa para ver a sua noiva feliz. E eram ambos, noivo e noiva, extremamente fotogénicos.

Este último facto tornava a tarefa, ao mesmo tempo, um prazer e um desafio. Como conseguiria conceder aos clientes uma viagem fotográfica do seu dia, que fosse espetacular e exclusivamente deles?

As cores da noiva, pensou, revendo os seus ficheiros mentais enquanto lavava o cabelo curto e emaranhado. Prata e ouro. Elegante, cheia de *glamour*.

Já dera uma olhadela às flores e ao bolo — ambos receberiam hoje os seus toques finais —, às lembranças e aos atoalhados, à indumentária dos acompanhantes, aos toucados. Tinha uma cópia das músicas que a banda tocaria, com a primeira dança, a dança mãe-filho e a dança pai-filha sublinhadas.

Nas próximas horas, pensou, o seu mundo giraria em torno de Rod e Alison.

Escolheu o fato, as joias e a maquilhagem quase com o mesmo cuidado com que escolhera o equipamento. Carregada, saiu para percorrer o curto trilho que separava a casa de apoio à piscina, que albergava o seu estúdio e pequeno apartamento, até à casa principal.

A neve resplandecia, diamantes triturados sobre arminho, e o ar era frio e límpido como gelo da montanha. Sem dúvida, teria de tirar algumas fotografias no exterior, à luz do dia e depois de anoitecer. Um casamento de inverno, um casamento branco, o chão coberto de neve, o gelo a brilhar nas árvores, gotejando dos salgueiros nus sobre o lago. E ali estava a bela casa vitoriana, com as suas variadas linhas de telhado, as janelas em arco e em forma de vigia, erguendo-se e espraiando-se, azul-claro contra a concha dura do céu. Os seus terraços e pórticos generosos anunciavam a época natalícia com festões de luz e verdura.

Observou-a, como fazia com frequência, enquanto percorria os carreiros de onde a neve fora varrida. Adorava as suas linhas, os seus ângulos, os toques subtis de amarelo-claro, o branco cremoso que se destacava naquele azul suave e subtil.

Fora a sua casa, tanto como aquela em que crescera. Ou ainda mais, admitiu, porque a sua era governada pelos caprichos da mãe. Os pais de Parker eram calorosos, hospitaleiros, amorosos e — pensava agora Mac — equilibrados. Tinham-lhe fornecido um porto de abrigo calmo na tempestade que fora a sua infância.

Sofrera a sua morte, cerca de sete anos antes, quase tanto como a amiga.

Agora, a propriedade dos Brown era a sua casa. O seu negócio. A sua vida. E era uma boa vida, a todos os níveis. Que poderia ser melhor do que fazer algo que adorava, em conjunto com as melhores amigas que já tivera?

Entrou no vestíbulo para pendurar a roupa de exterior e deu a volta para ir espreitar os domínios de Laurel.

Encontrou a amiga e sócia de pé sobre um tamborete, adicionando meticulosamente lírios de água prateados aos cinco andares do bolo de noiva. Cada uma das flores brotava de uma folha de acanto dourada, o que lhe conferia um efeito mais radioso e elegante.

— Não podia ficar melhor, McBane.

A mão de Laurel acrescentou o lírio seguinte com a firmeza de um cirurgião. Usava o cabelo loiro torcido na nuca, num nó trapalhão que, de certa forma, lhe valorizava a forma triangular do rosto. Enquanto trabalhava, os seus olhos, brilhantes como campainhas, semicerravam-se em concentração.

— Estou tão contente por ela ter escolhido o centro de lírios, em vez da última camada com o noivo e a noiva. Foi isso que criou este desenho. Espera até o levarmos para o salão de baile.

Mac pegou na máquina fotográfica.

— É um bom instantâneo para o *website*. Pode ser?

— Claro. Dormiste alguma coisa?

— Fui para a cama quase às cinco, mas dormi até ao meio-dia. E tu?

— Deitei-me às duas e meia. Levantei-me às sete para acabar o bolo do noivo, as sobremesas... e isto. Estou tão contente por termos duas semanas antes do próximo casamento. — Olhou em volta. — Não digas à Parker.

— Calculo que já esteja levantada.

— Já estive aqui duas vezes. Provavelmente, já estive duas vezes em todo o lado. Acho que ouvi a Emma entrar. Devem estar lá em cima, no escritório.

— Vou subir. Não vens?

— Dez minutos. Chegarei a tempo.

— A tempo é tarde, no mundo da Parker. — Mac sorriu. — Tentarei distraí-la.

— Diz-lhe que algumas coisas não podem ser apressadas. E que a mãe da noiva será tão elogiada por este bolo que deixará de nos chatear.

— Isso é capaz de funcionar.

Mac saiu, fazendo um desvio para verificar o vestíbulo principal e o enorme salão onde a cerimónia se realizaria. Reparou que Emmaline e os seus gnomos já tinham começado a trabalhar, removendo as decorações do último casamento e colocando as do novo. Cada noiva tinha a sua visão, e esta queria muitas fitas e grinaldas de prata e ouro, ao contrário das transparências alfazema e creme do casamento da véspera de Ano Novo.

A lareira do salão estava preparada para ser acesa antes da chegada dos primeiros convidados. Cadeiras forradas a branco, dispostas em filas, brilhavam com os seus laços prateados. Emma já decorara a pedra da lareira com velas douradas em castiçais de prata, e os lírios de água brancos, os favoritos da noiva, aglomeravam-se em jarras de cristal altas e finas.

Mac circundou a sala, considerou os ângulos, a iluminação, a composição, e tomou mais notas enquanto saía e começava a subir as escadas para o terceiro andar.

Como esperava, encontrou Parker na sala de conferências do escritório, cercada por um computador portátil, o *BlackBerry*, dossiês, o telemóvel e auriculares. O seu denso cabelo castanho estava preso num longo rabo-de-cavalo — elegante e simples. Ficava bem com o fato — de um tranquilo cinzento-pomba — que completaria discretamente as cores da noiva.

Parker não deixava escapar nada.

Não ergueu o olhar, mas rodou um dedo no ar sem deixar de trabalhar no portátil. Percebendo o sinal, Mac foi até ao balcão do café e encheu canecas para ambas. Sentou-se, pousou o dossiê e abriu o bloco de apontamentos.

Parker recostou-se, sorriu e pegou na caneca.

— Este vai ser dos bons.

— Sem dúvida.

— As estradas estão desimpedidas, o tempo está bom. A noiva já acordou, tomou o pequeno-almoço e recebeu uma massagem. O noivo fez exercício e nadou. A entrega de comida será pontual e todos os convidados vêm. — Viu as horas. — Onde estão a Emma e a Laurel?

— A Laurel está a dar os toques finais no bolo, que é estupendo. Não vi a Emma, mas já começou a decorar as áreas da cerimónia. Ficou bonito. Quero fazer algumas fotos lá fora. Antes e depois.

— Não mantenha a noiva muito tempo no exterior antes da cerimónia. Não queremos que fique de nariz vermelho e a fungar.

— Tens de tirar a mãe da noiva de cima de mim.

— Anotado.

Emma entrou apressadamente, com uma *Cola* de dieta numa mão e um dossiê na outra.

— O Tink está de ressaca e não vem, por isso falta-me um. Vamos ser rápidas, está bem? — Pousou as coisas na mesa. Os cabelos pretos encaracolados balançavam-lhe em torno dos ombros. — A suite da noiva e o salão estão enfeitados. O *foyer* e a escadaria, estão quase. Os ramos de flores, os ramalhetes de peito e os pregadores estão verificados. Já começámos no salão grande e no salão de baile. Tenho de voltar para lá.

— A menina das flores?

— Com uma cesta de rosas, fitas prata e ouro. Tenho a coroa, rosas e gipsófilas, pronta para a cabeleireira. É adorável. Mac, preciso de algumas fotos dos arranjos, se tiveres tempo. Caso contrário, tiro-as eu.

— Eu trato disso.

— Obrigada. A mãe da noiva...

— Estou a tratar disso — confirmou Parker.

— Preciso de... — Emma interrompeu-se quando Laurel entrou.

— Não estou atrasada — anunciou Laurel.

— O Tink não vem — disse-lhe Parker. — A Emma tem falta de uma pessoa.

— Eu posso substituí-lo. Preciso de arranjar o centro do bolo e as sobremesas, mas agora tenho tempo.

— Vamos verificar o horário.

— Esperem. — Emma ergueu a lata de *Coca-Cola*. — Antes de mais, um brinde. Feliz Ano Novo para nós, quatro mulheres maravilhosas, estupendas e muito sensuais. As melhores amigas de sempre.

— Além disso, inteligentes e grandes mulheres! — Laurel ergueu a garrafa de água. — Às amigas e sócias.

— A nós. Amizade e miolos em quatro partes — acrescentou Mac —, e à maravilha em que, juntas, transformámos a Votos.

— E a 2009. — Parker ergueu a caneca. — As maravilhosas, estupendas, sensuais, inteligentes e grandes mulheres, que além disso são as melhores amigas, terão o melhor ano de sempre.

— Cheia de razão! — Mac brindou com a sua caneca. — Ao Dia do Casamento, então, agora e sempre.

— Então, agora e sempre — repetiu Parker. — E agora. O horário?

— Estou com a noiva — começou Mac — desde a sua chegada. Mudo para o noivo quando este chegar. Fotografias de surpresa e em pose, enquanto ela se veste. Retratos formais dentro e fora de casa. Vou tirar as fotos do bolo e dos arranjos agora, e montar o equipamento. Fotografias da família e dos acompanhantes em separado antes da cerimónia. Depois da

cerimónia, devo precisar só de quarenta e cinco minutos para as fotos de família, de todos os convidados e dos noivos.

— Os arranjos florais das suites dos noivos estarão prontos às três horas. No *foyer*, no salão, nas escadas, no salão grande e no salão de baile, por volta das cinco. — Parker olhou para Emma.

— Estaremos prontos.

— O operador de vídeo chegará às cinco e meia. Os convidados virão entre as cinco e meia e as seis. Os músicos para a cerimónia, um quarteto de cordas, começarão a tocar às cinco e quarenta. A banda estará instalada no salão de baile às seis e meia. A mãe do noivo, acompanhada pelo filho, será trazida às cinco e cinquenta. A mãe da noiva, acompanhada pelo genro, logo a seguir. O noivo e os seus acompanhantes estarão a postos às seis horas. — Parker leu o horário em voz alta. — O pai da noiva, noiva e acompanhantes, a postos às seis. Descida e desfile. Duração da cerimónia, vinte e três minutos, recolhimento, momentos familiares. Convidados acompanhados ao salão grande às seis e vinte e cinco.

— Abertura do bar — continuou Laurel. — Música, bufê volante.

— Das seis e vinte e cinco até às sete e dez, fotografias. Apresentação da família, dos convidados e dos novos Senhor e Senhora, às sete e um quarto.

— Jantar, brindes — continuou Emma. — Está tudo, Parks.

— Quero garantir que passamos ao salão de baile e temos a primeira dança às oito e um quarto — continuou Parker. — A noiva quer especialmente que a avó esteja presente na primeira dança e que, depois da dança pai-filha e da dança mãe-filho, o pai e a avó dançam juntos. Ela tem noventa anos, e não aguentará até tarde. Se conseguirmos cortar o bolo às nove e meia, a avó ainda deverá estar presente.

— Ela é uma querida — interrompeu Mac. — Tenho algumas boas fotografias dela e da Alison durante o ensaio. Tenciono tirar-lhes mais algumas hoje. Pessoalmente, acho que aguenta até ao fim.

— Espero que sim. O bolo e as sobremesas serão servidos no decorrer do baile. O ramo será lançado às dez e um quarto.

— O lançamento do ramo está planeado — acrescentou Emma.

— Lançamento da liga durante o baile. A última dança será às dez e cinquenta, lançaremos as bolinhas de sabão e os noivos partem. O evento termina às onze. — Parker viu novamente as horas. — Ao trabalho! A Emma e a Laurel têm de mudar de roupa. Lembrem-se todas dos auriculares.

O telemóvel de Parker vibrou e ela olhou para o visor.

— A mãe da noiva. Outra vez. É a quarta, esta manhã.

— Diverte-te — disse Mac, fugindo.

Explorou todas as salas, mantendo-se fora do caminho de Emma e da sua equipa que enxameava pela casa com flores, fitas e gazes. Tirou fotografias ao bolo de Laurel e aos arranjos de Emma, e planeou outras mentalmente.

Era uma rotina que nunca permitia que se tornasse rotineira, pois, uma vez que isso acontecesse, perderia instantâneos, oportunidades, negligenciaria novos ângulos e ideias. E, sempre que se sentia entorpecer, imaginava uma borboleta azul a pousar num dente-de-leão.

O ar cheirava a rosas e a lírios, e ecoavam vozes e passos. A luz entrava pelas janelas altas em feixes encantadores que refletiam o seu brilho nas fitas ouro e prata.

— Auriculares, Mac! — Parker desceu a escadaria principal a correr. — A noiva está a chegar

Enquanto Parker se apressava para receber a noiva, Mac galgou as escadas. Saiu para o terraço fronteiro, ignorando o frio, e viu a limusina branca percorrer a rampa de entrada. Quando esta se imobilizou, mudou de ângulo, preparou-se e aguardou.

Dama de honor, mãe da noiva.

— Mexam-se, mexam-se só um bocadinho — murmurou. Alison saiu do carro. A noiva usava calças de ganga, botas *Uggs*, um casaco de camurça coçado e um cachecol vermelho-vivo. Mac abriu o *zoom* e mudou a exposição. — Eh, Alison!

A noiva olhou para cima. A surpresa transformou-se num prazer divertido e, para satisfação de Mac, Alison ergueu ambos os braços, inclinou a cabeça para trás e riu.

E ali, pensou Mac enquanto registava o momento, começava a viagem.

Dez minutos depois, a suite da noiva — que fora outrora o quarto de Parker — resumava de pessoas e confusão. Duas cabeleireiras manejavam habilmente os seus instrumentos e talentos, encaracolando, alisando, penteando, enquanto as maquilhadoras empunhavam tintas e boiões.

Distintamente feminino, pensou Mac, movendo-se pela sala sem estorvar. Os cheiros, os movimentos, os sons. A noiva era a atração principal — e esta não sofria de nervos, concluiu Mac. Alison mostrava-se confiante, resplandecente, e bastante tagarela.

A Mãe da Noiva, contudo, era uma história diferente.

— Mas tu tens um cabelo tão bonito! Não te parece que o devias deixar caído? Pelo menos uma parte. Talvez...

— Um penteado ao alto fica melhor com o toucado. Relaxa, mãe.

— Está demasiado calor aqui. Acho que está demasiado calor aqui. E a Mandy devia fazer uma sestazinha. Ela vai fazer birra, tenho a certeza.

— Vai portar-se bem. — Alison olhou para a menina das flores.

— Acho realmente que...

— Senhoras! — Parker entrou com um carrinho de champanhe e um lindo tabuleiro de frutas e queijo. — Os homens vêm a caminho. Alison, o teu cabelo está lindo. Absolutamente majestoso. — Serviu uma *flûte* e ofereceu-a à noiva.

— Acho que ela não devia beber antes da cerimónia. Ainda mal comeu, e...

— Oh, senhora McFearson, ainda bem que está vestida e pronta. Que linda! Será que posso roubá-la por uns minutos? Queria que desse uma olhadela ao salão antes da cerimónia. Queremos que tudo esteja perfeito, não é verdade? Trago-a de volta daqui a nada. — Parker pôs o champanhe na mão da mãe da noiva e conduziu-a para fora do quarto.

— Boa — disse Alison, com uma gargalhada.

Durante a hora seguinte, Mac dividiu-se entre a suite da noiva e a do noivo. Entre perfumes e tule, botões de punho e faixas. Voltou aos domínios da noiva, andou em torno das acompanhantes, que se vestiam e ajudavam umas às outras. E deu com Alison sozinha, diante do seu vestido de noiva.

Estava tudo ali, pensou Mac, apontando a máquina. A alegria, a esperança, com um vestígio mínimo de mágoa. Captou o instante em que Alison estendia os dedos para acariciar os brilhantes do corpete.

Um momento decisivo, Mac sabia-o, quando tudo o que a mulher sentia se lhe refletia no rosto.

O momento passou e Alison olhou em volta.

— Não esperava sentir-me assim. Estou tão feliz. Sinto-me tão apaixonada pelo Rod, tão preparada para casar com ele. Mas tenho aqui um apertozinho. — Esfregou os dedos por cima do coração. — Não são nervos.

— Tristeza. Só um vestígio mínimo. Uma fase da tua vida termina hoje. Tens direito à tristeza da despedida. Sei do que precisas, espera um segundo.

Minutos depois, Mac voltou com a avó de Alison. E deu novamente um passo atrás.

A juventude e a idade avançada, pensou. Princípios e fins, conexões e constância. E, sim, amor.

Captou o abraço, mas não era aquilo. Captou o brilho das lágrimas, e também ainda não era aquilo. Depois, Alison baixou a testa na direção da avó e, quando os seus lábios se estendiam para ela, uma única lágrima correu-lhe pela bochecha. Entre ambas, resplandecia o vestido.

Perfeito. A borboleta azul.

Tirou fotos informais do ritual enquanto a noiva se vestia, e depois os

retratos formais, com uma soberba luz natural. Como esperava, Alison não se furtou a enfrentar o frio do terraço.

Mac ignorou a voz de Parker nos auriculares enquanto corria para a suite do noivo, onde repetiu o processo com este.

Ultrapassou Parker no corredor ao correr de volta para junto da noiva.

— Preciso do noivo e dos convidados dele lá em baixo, Mac. Estamos com dois minutos de atraso.

— Oh, meu Deus — troçou Mac com um horror fingido, entrando na suite da noiva.

— Os convidados estão sentados — anunciou-lhe Parker ao ouvido momentos depois. — O noivo e os acompanhantes estão a tomar posição. Emma, reúne o grupo da noiva.

— Estou a fazê-lo.

Mac escapuliu-se para tomar lugar ao fundo das escadas, enquanto Emma organizava as damas de honor.

— As damas de honor estão prontas. Começa a música.

— Feito — disse Parker. — Início do cortejo.

A menina das flores passaria muito bem sem a sesta, concluiu Mac ao vê-la descer as escadas como se dançasse. Deteve-se como uma profissional ao sinal de Laurel, depois prosseguiu com um ritmo digno, no seu vestido de fada, atravessando o *foyer* para entrar no enorme salão e descer a ala formada pelas cadeiras.

As acompanhantes seguiram-na, resplandecendo prata e, atrás delas, a dama de honor, em dourado.

Mac agachou-se para apontar a máquina enquanto a noiva e o pai aguardavam, de mãos dadas, no cimo da escadaria. Aos primeiros acordes da marcha nupcial, ele levou a mão da filha aos lábios, depois à bochecha.

Os olhos de Mac ardiam quando tirou a fotografia.

Onde estaria o seu pai?, perguntou-se. Na Jamaica? Na Suíça? No Cairo?

Afastou o pensamento e a dor que este lhe provocou, e empenhou-se em fazer o seu trabalho.

À luz das velas de Emma, captou alegria e lágrimas. Memórias. E manteve-se invisível e isolada.

CAPÍTULO DOIS



Trabalhara à noite porque tinha um dia cheio de compromissos. E porque gostava de trabalhar à noite — sozinha, no seu próprio espaço, ao seu próprio ritmo. As manhãs eram para café, aquele primeiro e intenso impacto do café no sangue, e os dias eram muitas vezes para clientes, para reportagens, para reuniões.

À noite, sozinha no estúdio, podia concentrar-se inteiramente nas imagens, na maneira de as selecionar, de as melhorar e realçar. Embora trabalhasse quase exclusivamente em suporte digital, mantinha a atitude mental da câmara-escura quando se tratava de criar a impressão. Acrescentava camadas, realçando, ensombrecendo; removia manchas e pontos de luz para criar a base da cópia mestra. Nesta poderia refinar áreas específicas, alterar densidades, adicionar contrastes. Passo a passo, daria forma à impressão, aguçando ou suavizando, de acordo com a disposição, para criar uma imagem que expressasse aquele momento no tempo, até *sentir* o que esperava que o cliente pudesse sentir.

Depois, como fazia a maior parte das manhãs, Mac sentou-se ao computador para verificar as miniaturas e ver se o seu eu matinal concordava com o seu eu noturno.

Debruçou-se sobre o ecrã, vestida de flanela e meias grossas, o cabelo ruivo brilhante numa floresta de espinhos e tufos. Em silêncio absoluto. Durante os casamentos, estava quase sempre cercada. Por pessoas, por conversas, por emoções. Tanto as ignorava como as aproveitava, na busca do ângulo perfeito, do tom perfeito, do momento perfeito.

Ali, porém, estava sozinha com as imagens, pronta para as aperfeiçoar. Bebeu o café, comeu uma maçã para se redimir das *Pop-Tarts* da manhã anterior e examinou as centenas de imagens que captara na véspera, as dezenas que retocara durante a sessão da noite.

O eu matinal deu os parabéns ao eu noturno por um trabalho bem feito. Mas ainda podia fazer mais, pensou. E, quando tivesse o melhor do melhor para o cliente avaliar, havia de as rever novamente antes de marcar a reunião em que os recém-casados veriam as imagens em diapositivo e escolheriam.

Mas isso ficaria para outro dia. Para o caso de a memória lhe estar a falhar, verificou a agenda antes de subir para tomar duche e vestir-se para a primeira reunião.

Para uma reportagem de estúdio, calças de ganga e camisola serviriam, mas teria de mudar de roupa para a reunião prévia marcada para essa tarde na mansão. A política da empresa exigia indumentária formal para as reuniões com os clientes.

Mac examinou o roupeiro em busca de calças e camisa pretas. Podia vestir um casaco após a sessão de estúdio e cumprir o código de vestuário. Considerou a joalharia até encontrar o que se harmonizava com a sua disposição, pôs rapidamente um pouco de maquilhagem e deu o trabalho por concluído.

O estúdio exigia mais atenções do que o fotógrafo.

Elizabeth e Charles, pensou enquanto começava a montar o cenário. Fotografia de noivado. Tinham sido firmes durante a reunião prévia, lembrou-se. Queriam algo formal, simples, direto.

Nem percebia porque não tinham simplesmente pedido a um amigo com uma máquina fotográfica automática. E lembrou-se, com um sorrisinho superior, que essas palavras quase lhe haviam saltado da boca — antes de Parker lhe ter lido a mente e lançado um olhar de aviso.

— O cliente tem sempre razão — recordou-se enquanto instalava o seu pano de fundo. — Querem que seja chato, chato será.

Levantou as luzes, posicionou um difusor — o chato podia, pelo menos, ser bonito. Foi buscar o tripé, principalmente porque sentia que os clientes esperavam ver equipamento. Quando acabara de escolher as lentes, de verificar as luzes e de forrar o banco, bateram à porta.

— Mesmo a tempo. — Mac fechou a porta atrás deles, bloqueando uma rajada de vento gélido. — Hoje está brutal lá fora. Deixem-me guardar os vossos casacos.

Tinham um aspeto perfeito, pensou. A Barbie e o Ken da classe alta. A loira *cool*, sem um fio de cabelo fora do lugar, o herói elegante, polido e aprumado.

Uma parte de si tinha vontade de os desalinhar, só um bocadinho, para ver se os tornava humanos.

— Posso oferecer-vos café? — perguntou.

— Não, não, mas obrigada. — Elizabeth concedeu-lhe um sorriso. — Queríamos mesmo começar já. Temos um dia muito preenchido. — Enquanto Mac guardava os seus abrigos, Elizabeth olhou em volta do estúdio. — Esta era a casa de apoio à piscina?

— Sim.

— É... interessante. Suponho que esperava algo mais elaborado. Seja como for. — Aproximou-se para examinar algumas das fotografias emolduradas que decoravam as paredes. — O casamento da prima do Charles foi aqui, em novembro, e foi maravilhoso. Ela fala com grande entusiasmo de si e das suas sócias, não é, Charles?

— Sim, foi o que nos fez optar pela vossa empresa.

— A organizadora do casamento e eu trabalharemos em conjunto ao longo dos próximos meses. Há algum sítio para me refrescar um pouco antes de começarmos? — perguntou Elizabeth.

— Claro. — Mac conduziu-a ao toucador ao lado do estúdio e perguntou-se o que teria ela para refrescar.

— Então, Charles. — Mentalmente, Mac desapertava o nó Windsor, perfeitamente executado, da sua gravata. — Que vão fazer hoje?

— Temos uma reunião com a organizadora do casamento e vamos tratar do registo. A Elizabeth vai encontrar-se com dois dos estilistas que a sua sócia lhe recomendou para fazer o vestido.

— Que excitante! — *Pareces mesmo entusiasmado*, pensou Mac. *Como se fosses à consulta semestral no dentista.*

— Há muitos pormenores. Suponho que esteja acostumada a eles.

— Cada casamento é como se fosse o primeiro. Importa-se de ficar de pé atrás deste banco? Posso verificar as luzes e a focagem enquanto a Elizabeth se arranja.

Ele moveu-se obedientemente, hirto como um pau de vassoura.

— Relaxe — pediu ela. — Será mais rápido e fácil do que pensa, e até pode ser divertido. De que género de música gosta?

— Música?

— Sim, vamos pôr um pouco de música. — Atravessou o estúdio até ao leitor de CD e escolheu um. — Baladas de Natalie Cole. Romântico e clássico. Que lhe parece?

— Parece-me bem. Pode ser.

Mac apanhou-o a olhar disfarçadamente para o relógio enquanto ela ia lá atrás, fingir que ajustava a máquina.

— Já decidiram o local para a lua-de-mel?

— Estamos inclinados para Paris.

— Fala francês?

Pela primeira vez, ele sorriu com naturalidade.

— Nem uma palavra.

— Bem, é uma aventura — comentou quando Elizabeth voltava com uma aparência tão perfeita como antes.

O fato, com um belo corte, devia ser *Armani*. O azul-índigo valorizava-a, e Mac supunha que Elizabeth escolhera um cinzento opaco para o fato de Charles para o fazer sobressair.

— Creio que começaremos consigo sentada, Elizabeth, e o Charles atrás de si. Só um bocadinho para a esquerda, Charles. E, Elizabeth, se pudesse virar-se um pouco para a janela, só um pouco... Incline-se para o Charles, relaxe o corpo. Charles, ponha a mão no ombro esquerdo da Elizabeth. Elizabeth, ponha a mão em cima da dele, assim mostrará esse espetacular anel de noivado.

Tirou umas quantas fotografias apenas para os fazer ultrapassar os sorrisos congelados iniciais.

Cabeça inclinada.

Peso sobre o pé que está mais atrás.

Mova os ombros.

Tímido, percebeu Mac. Ele era tímido perante a câmara e um pouco perante as pessoas. E ela sentia-se terrivelmente desconfortável. Aterrorizada de não se mostrar completamente perfeita.

Mac tentou pô-los à vontade, perguntando-lhes como se tinham conhecido e começado a namorar — apesar de lhes ter colocado as mesmas perguntas quando a sessão fora marcada. As respostas também foram as mesmas.

Mal conseguiu quebrar o gelo à superfície.

Podia parar agora, pensou Mac, e dar-lhes exatamente o que eles pensavam que queriam. Mas não era disso que precisavam.

Afastou-se da máquina. Enquanto o fazia, os corpos deles relaxaram e Elizabeth virou a cabeça para sorrir a Charles, que lhe piscou o olho.

Muito bem, pensou Mac. Afinal eram humanos.

— Tirei algumas fotografias formais bastante boas. Sei que era o que queriam. Contudo, seriam capazes de fazer uma coisa por mim?

— Estamos mesmo com o tempo contado — começou Charles.

— Levará menos de cinco minutos. Elizabeth, ponha-se de pé. Deixem-me só tirar daí o banco. — Afastou o banco e tirou a máquina do tripé. — Que tal um abraço? Não a mim, um ao outro.

— Eu não...

— Os abraços são legais no Connecticut, mesmo quando as pessoas

não são comprometidas. Só uma pequena experiência e liberto-vos em dois minutos. — Pegou no fotómetro, verificou, ajustou.

— Encoste a face direita ao peito dele, mas vire-se um pouco para mim. Vire o rosto um pouco para mim — explicou Mac. — E olhe para aqui. Charles, baixe a cabeça na direção da dela, mas empine o queixo para mim. Inspire fundo, depois expire, expire naturalmente. Está a abraçar a pessoa que ama, não é verdade? Desfrute. Com os olhos em mim, diretamente sobre mim, pensem como se sentiram da primeira vez que se beijaram.

Ali estava!

Os sorrisos foram rápidos, espontâneos. O dela, doce, até mesmo um pouco maroto; o dele, deleitado.

— Mais uma, só mais uma como esta. — Tirou três antes de o casal voltar a ficar rígido. — Está feito. Terei várias provas para vocês escolherem...

— Podemos ver algumas agora? São digitais, não são? — perguntou Elizabeth. — Era só para ter uma ideia rápida.

— Claro.

Mac ligou a máquina ao computador.

— Não estão tratadas, mas ficam com uma ideia.

— Sim. — Elizabeth franziu o sobrolho para o ecrã quando Mac começou a passar as fotos. — Sim, estão muito boa. Essa...

Mac deteve-se numa das fotografias formais.

— Esta?

— Era o que eu tinha na ideia. Está muito boa. Estamos os dois bem, e gosto do ângulo. Acho que pode ser essa.

— Vou assinalá-la. Mas podemos ver as outras, só para ter a certeza. — Recomeçou a passar as fotografias.

— Sim, são realmente muito boas. Muito boas. Acho que a que escolhi é... — Deteve-se quando surgiu no ecrã a imagem em que se abraçavam. — Oh, esta é maravilhosa. Mesmo maravilhosa, não é?

— A minha mãe gostaria da primeira que escolheste. — Por trás dela, Charles afagou os ombros de Elizabeth.

— Gostaria, sem dúvida. Revelamo-la para ela e pomos-lhe uma moldura. Mas... — Olhou para Mac. — Você tinha razão e eu estava errada. É esta que eu quero, é assim que quero ficar retratada na nossa fotografia de noivado. Lembre-me que eu disse isto em setembro, quando tentar ensiná-la a fazer o seu trabalho.

— Assim farei. Eu também estava errada. Acho que afinal será um prazer trabalhar com vocês.

Elizabeth demorou um momento a perceber, mas depois riu-se.

Enviou-os a Parker, sentindo que a sócia estava em dívida para consigo. Mandava-lhe clientes que, pelo menos de momento, estavam mais abertos a ideias e orientações que antes.

Instalou-se para completar alguns pacotes para os clientes. Um conjunto de provas e um conjunto de escolhas, todas apresentadas em álbuns. Para a Noiva e o Noivo, para a Mãe da Noiva e para a Mãe do Noivo, as fotos extrassolicitadas pelos vários familiares e pelos convidados.

Quando já colocara tudo dentro de caixas, concluiu que só lhe restava tempo para um prato rápido com restos de salada de massa antes de as levar para a mansão.

Conseguiu comer umas garfadas por cima do lava-loiça. Era uma terra de fadas congelada, pensou ao olhar pela janela. Tudo imóvel e perfeito. Pegou no copo de *Coca-Cola Diet* e começou a beber.

Um cardeal embateu no vidro da janela, um pequeno estrondo e um borrão vermelho. Entornou a *Coca-Cola* por cima da camisa.

Com o coração a bater na garganta, observou o idiota do pássaro a voar para longe. Depois olhou para a camisa.

— Raios!

Tirou-a e lançou-a para o cima da pilha sobre a máquina de lavar e secar, na despensa da cozinha. De sutiã e calças pretas, limpou o líquido entornado na bancada. Irritada, atendeu o telefone que começara a tocar. Como o visor mostrava o número de Parker, respondeu com um ressentido «Quê?»

— Está aqui a Patty Baker, vem buscar os álbuns.

— Bem, vem vinte minutos adiantada. Estarei aí, assim como eles, a horas. Mantém-na ocupada — acrescentou, dirigindo-se para o estúdio. — E não me chateies.

Desligou e virou-se. E ficou a olhar para o homem que se encontrava no seu estúdio.

Este arregalou os olhos, corou e depois, com um «Santo Deus» abafado, deu meia-volta. E, com o ruído de uma bala, embateu na ombreira da porta.

— Caramba, você está bem? — Mac atirou o telefone para cima de uma mesa e correu para o sítio onde, nesse momento, o homem cambaleava.

— Sim, estou bem. Peço desculpa.

— Está a sangrar. Caramba, bateu mesmo com a cabeça. É melhor sentar-se.

— Talvez. — Ao dizê-lo, os olhos dele enevoaram-se e desfocaram-se ligeiramente, e o homem escorregou da parede para o chão.

Mac agachou-se, afastou o cabelo castanho-escuro que lhe cobria a testa e o arranhão a sangrar, que já inchara de maneira impressionante.

— Bem, não é um corte. Escapou aos pontos. Só está magoado. Caramba, parecia que tinha batido na porta com um martelo. Talvez seja melhor pôr gelo, e depois...

— Desculpe? Hum... não tenho a certeza se está a compreender... pergunto-me se não podia...

Ela viu o olhar dele baixar, e seguiu-o. E notou que, enquanto fazia a triagem, os seus seios mal tapados pelo sutiã estavam quase encostados ao rosto dele.

— Ups! Esqueci-me. Sente-se aí. Não se mexa. — Pôs-se de pé de um salto e desapareceu.

Ele não sabia bem se era capaz de se mexer. Desorientado, confuso, ficou sentado onde estava, com as costas apoiadas na parede. Mesmo com os passarinhos de desenhos animados que lhe esvoaçavam em torno da cabeça, tinha de admitir que eram uns seios bastante bonitos. Era impossível não reparar.

Porém, na situação atual, não sabia bem o que dizer ou fazer. Pelo que, ficar ali sentado, como ela mandara, parecia ser o melhor.

Quando ela voltou com um saco de gelo, trazia uma camisa. Talvez fosse errado sentir uma pequena pontada de desapontamento. Ela voltou a agachar-se sobre o que o homem reparou — agora que os seus seios não estavam à vista — serem umas pernas extremamente longas.

— Tome, experimente isto. — Mac pôs-lhe o gelo na mão, e colocou-lhe a mão sobre a testa a latejar. Sentou-se sobre os calcanhares, como se esperasse que lhe atirassem uma bola. Tinha os olhos verdes como um mar de magia.

— Quem é você? — perguntou ela.

— Como?

— *Hum*. Quantos dedos vê? — Ela levantou dois.

— Doze.

Mac sorriu. As bochechas formaram covinhas quando curvou os lábios, e o coração dele executou uma dança breve dentro do peito.

— Não, não vê doze. Experimentemos outra coisa. Que faz você no meu estúdio, ou que fazia, antes de sofrer uma concussão por causa das minhas mamas?

— Ah... Tenho uma reunião... Bem, a Sherry tem. Sherry Maguire? — Pareceu-lhe que o sorriso dela esmoreceu um pouco, e as covinhas desapareceram.

— Muito bem, está no sítio errado. Devia estar na mansão. Sou Mackensie Elliot, a fotógrafa.

— Eu sei. Quero dizer, sei quem você é. A Sherry não foi muito exata acerca do local, como é seu hábito.

— Nem acerca da hora, visto que a vossa reunião é só às duas.

— Ela disse que achava que era à uma e meia, o que significa que estará aqui às duas. Devia ter-me regido pela Hora de Sherry, ou telefonado eu próprio para confirmar. Peça desculpa novamente.

— Não faz mal. — Mac inclinou a cabeça. Os olhos dele, olhos muito bonitos, estavam novamente límpidos. — Como é que me conhece?

— Oh, andei na escola com o Delaney, o Delaney Brown, e com a Parker. Bem, a Parker andava uns anos atrás de nós. E você também, durante algum tempo.

Ela mudou de posição para o observar melhor. Cabelos castanhos, densos e despenteados, a precisarem, sem sombra de dúvida, de um corte. Olhos azuis, claros e tranquilos, rodeados por uma floresta de pestanas. Nariz direito, boca forte num rosto fino.

Ela era *boa* a fixar rostos. Porque não localizava o dele?

— Acho que conheço a maior parte dos amigos do Delaney.

— Oh, não frequentamos propriamente os mesmos círculos. Mas uma vez dei-lhe aulas, quando estudávamos *Henrique V*.

Acendeu-se uma luz.

— Carter — disse, apontando-o. — Carter Maguire. Não vais casar com a tua irmã, pois não?

— O quê? Não! Estou a substituir o Nick. Ela não queria vir sozinha à reunião, e ele ficou retido. Eu estou só... Na verdade, não sei que diabo faço aqui.

— Estás a ser um bom irmão. — Deu-lhe uma palmadinha no joelho. — Achas que te consegues pôr de pé?

— Sim.

Ela endireitou-se e estendeu a mão para o ajudar. Quando as suas mãos se encontraram, o coração dele realizou mais uma breve dança. E quando se pôs de pé, a cabeça acompanhava o ritmo com tambores.

— Ai.

— Compreendo. Queres uma aspirina?

— Oh, nem por isso. Só o suficiente para suplicar.

— Vou buscá-la. Entretanto, podes sentar-te em qualquer sítio que não seja o chão.

Foi o que ele tentou fazer quando ela foi para a cozinha, mas as fotografias que adornavam as paredes chamaram-lhe a atenção. Notou que algumas eram de revistas e partiu do princípio que era ela a autora. Noivas bonitas, noivas sofisticadas, noivas sensuais, noivas risonhas. Algumas a cores, outras num preto-e-branco atmosférico — e umas quantas com aquele estranho e atraente truque de computador que colocava um ponto de cor intensa numa fotografia a preto e branco.

Ele virou-se quando Mac entrou e ocorreu-lhe a ideia de que o cabelo dela era isso mesmo — um ponto de cor intensa.

— Fazes mais alguma coisa, a nível fotográfico?

— Sim. — Ela entregou-lhe três comprimidos e um copo de água. — Mas as noivas são o ponto fulcral e vendível de um negócio de casamento.

— São maravilhosas. Criativas e individuais. Mas esta é a melhor. — Aproximou-se e apontou uma fotografia emoldurada: três rapariguinhas e uma borboleta azul pousada no centro de um dente-de-leão.

— Porquê?

— Porque é mágica.

Ela olhou-o por um momento que pareceu eterno.

— É exatamente isso. Bem, Carter Maguire, vou buscar o casaco, depois vamos à nossa reunião. — Tirou-lhe da mão o saco de gelo a derreter. — Damos-te gelo novo na mansão.

É giro, pensou enquanto ia buscar o casaco e o cachecol. Muito, muito giro. Teria reparado nisso na escola secundária? Talvez ele se tivesse revelado tardiamente. Mas revelara-se da melhor maneira. O suficiente para ela sentir uma pontada de ressentimento ao pensar que era o noivo.

Mas o Irmão da Noiva era um assunto diferente.

Isto é, caso estivesse interessada.

Vestiu o casaco, enrolou o cachecol. Lembrando-se das rajadas de vento matinais, pôs um gorro. Quando desceu, Carter colocava o copo de água dentro do lava-loiça, como um bom menino.

Pegou no enorme saco de pano que continha alguns álbuns e deu-lho.

— Toma. Podes levar-me isto. É pesado.

— Pois é.

— Eu levo este. — Ela pegou num segundo saco, mais pequeno. — Tenho uma noiva à espera dos álbuns, e outra das provas. Na mansão, tal como a nossa reunião.

— Queria pedir desculpa por ter entrado assim. Bati à porta, mas ninguém respondeu. Ouvi música e, simplesmente, entrei e...

— O resto é história.

— Pois. Não queres desligar a música?

— Claro, já nem estava a ouvir. — Pegou no controlo remoto, premiu o botão de desligar e largou o comando. Antes de poder abrir a porta, ele avançou e abriu-lha. — Ainda vives em Greenwich? — perguntou ela, suspirando a respiração devido ao choque do frio.

— Bem, é mais outra vez do que ainda. Entretanto, vivi em New Haven.

— Yale.

— Sim. Fiz uma pós-graduação e dei aulas durante alguns anos.

— Em Yale.

— Sim.

Ela semicerrou-lhe os olhos enquanto percorriam o caminho.

— A sério?

— Bem, sim. Há pessoas que ensinam em Yale. É altamente recomendado, por causa dos alunos.

— Então és como um professor catedrático.

— Sim, sou como um professor catedrático, mas agora ensino aqui. Na Academia Winterfield.

— Voltaste para ensinar na tua escola secundária. Isso parece tão querido.

— Sentia saudades de casa. E ensinar adolescentes é interessante.

Ela achou que volátil seria uma palavra mais correta, embora isso também pudesse ser interessante.

— Ensinas o quê?

— Literatura Inglesa e Escrita Criativa.

— *Henrique V.*

— Exatamente. A senhora Brown convidou-me para vir cá algumas vezes quando trabalhava com o Del. Tive tanta pena quando soube do acidente. Era uma mulher incrivelmente simpática.

— Entre as melhores. Podemos ir por aqui. Está demasiado frio para dar a volta.

Conduziu-o pelo vestíbulo, para o calor.

— Podes guardar as tuas coisas aqui. Ainda estás adiantado. Vamos arranjar-te um café. — Enquanto falava, tirou rapidamente o casaco, o cachecol e o chapéu. — Hoje não há eventos, por isso a cozinha principal está livre.

Pegou novamente nos sacos enquanto ele pendurava cuidadosamente o casaco, ao contrário dela, que lançara o seu na direção do cabide. Mac parecia vibrar de movimento enquanto esperava que ele voltasse a segurar o saco grande.

— Vamos arranjar-te um lugar para... — Mac interrompeu-se quando Emma passou, na direção da cozinha.

— Aí estás tu. A Parker vai começar... Carter?

— Olá, Emmaline, como estás?

— Estou bem, tudo bem. Como é que tu... ah, a Sherry. Não tinha percebido que vinhas com a Sherry.

— Veio e não veio. Ele explica-te. Arranja-lhe um café e um pouco de gelo para a cabeça, está bem? Tenho de levar estes álbuns à noiva.

Tirou o saco pesado das mãos de Carter e saiu.

Emma cerrou os lábios ao examinar o golpe.

— Caramba! Como fizeste isso?
 — Esbarrei numa parede. Deixa lá o gelo. Já está melhor.
 — Bem, entra. Senta-te e toma um café. Eu ia só decorar a sala para a reunião. — Ela conduziu-o, apontou um banco e um balcão comprido, cor de mel. — Vieste dar apoio moral aos noivos?
 — Vim em lugar do noivo, que teve uma emergência.
 Emma acenou com a cabeça enquanto pegava numa chávena e num pires.
 — Coisas que acontecem aos médicos. Olha que és um irmão valente.
 — Eu recusei, de várias maneiras. Nenhuma funcionou. Obrigado — acrescentou quando ela lhe serviu o café.
 — Reconforta-te. Só tens de ficar sentado a comer bolachinhas.
 Ele deitou um pouco de natas no café.
 — Podes pôr isso por escrito?
 Ela riu-se e começou a dispor bolachinhas numa travessa.
 — Acredita em mim. Além disso, marcarás pontos como bom irmão.
 Como estão os teus pais?
 — Estão bem. Vi a tua mãe na semana passada, na livraria.
 — Ela adora aquele trabalho. — Emma deu-lhe uma bolachinha. — A Mac deve estar quase despachada com a cliente. Vou levar isto lá para dentro e volto já.
 — Calculo que, se me escondesse aqui, perderia o título de irmão valente.
 — É verdade. Eu já volto.
 Ele conhecia Emma através de Sherry e da amizade dos respetivos pais desde que eram crianças. Era estranho, muito estranho, pensar em Emma a fazer o ramo de noiva da irmã. Mais estranho ainda era a sua irmãzinha precisar de um ramo de noiva.
 De certa forma, era tão desorientador como esbarrar numa estúpida parede.
 Deu uma palmadinha na testa e estremeceu. Não tanto por lhe ter doído, o que era verdade, mas porque toda a gente lhe perguntaria o que acontecera. Teria de repetir continuamente a história da sua falta de jeito — e sempre que o fizesse, teria um instantâneo mental de Mackensie Elliot com um sutiã minúsculo e calças pretas de cintura descaída.
 Comeu a bolacha e tentou decidir se aquilo era um benefício ou um fardo.
 Emma voltou para o levar, assim como outro tabuleiro.
 — Podemos ir agora, tenho a certeza que a Sherry está a chegar.
 — Porque está dez minutos atrasada. — Ele tirou-lhe o tabuleiro. — Está na Hora da Sherry.

A casa era praticamente igual ao que recordava. As paredes eram agora de um dourado suave e ténue, quando a sua memória as recordava num verde elegante e discreto. Mas o rebordo, largo e ornamentado, era igualmente brilhante, o espaço igualmente generoso e o mobiliário igualmente vistoso.

Arte e antiguidades, flores em cristais antigos e magníficos, destacavam a riqueza e a classe. Contudo, a sensação era mais a de um lar do que a de uma mansão, exatamente como se lembrava.

Cheirava a feminino, ao mesmo tempo floral e cítrico.

As mulheres estavam sentadas, formando uma confortável área de conversação no grande salão de tetos ornamentados. Um lume crepitava na grande lareira e a luz de inverno derramava-se pelas três janelas em arco. Ele estava habituado a encontrar-se no meio de mulheres, visto ser o filho do meio, com uma irmã de cada lado.

Assim, julgava-se capaz de sobreviver à hora seguinte.

Parker saltou da cadeira, cheia de sorrisos e delicadezas, e atravessou o salão de braços estendidos.

— Carter! Há quanto tempo! — Beijou-lhe a bochecha e segurou-lhe a mão ao conduzi-lo para junto da lareira. — Lembras-te da Laurel?

— Ah...

— Éramos todos miúdos. — Suave e natural, Parker empurrou-o para uma cadeira. — A Emma disse que tinhas voltado para dar aulas em Winterfield. Foi estranho, voltar como professor?

— Ao princípio, sim. Estava sempre à espera de alguém que me passasse trabalhos para casa, depois lembrava-me de que era eu que tinha de o fazer. Peço desculpa pela Sherry. Rege-se por um fuso horário próprio, normalmente atrasado. Posso ligar...

A campainha da porta interrompeu-o e trouxe-lhe um alívio desesperado.

— Eu abro. — Emma levantou-se.

— Como está a tua cabeça? — Mac virou-se na cadeira, segurando a chávena de café com ambas as mãos.

— Está bem. Já não é nada.

— Que aconteceu? — perguntou Parker.

— Oh, bati com ela. Estou sempre a fazer coisas desse género.

— A sério? — Mac sorriu ironicamente para o café.

— Desculpem, desculpem. — Sherry entrou como um remoinho: cor, energia, movimento e risinhos. — *Nunca* chego a horas. Detesto isto. Carter, és o maior. — A sua expressão corada e alegre transformou-se em preocupação. — Que aconteceu à tua cabeça?

— Fui assaltado. Eram três, mas dei cabo deles.

— O quê?! Oh, meu Deus!
— Bati com a cabeça, Sherry. Foi só isso.
— Oh! — Ela sentou-se, mais relaxada e à vontade, no braço da cadeira dele. — Ele está sempre a fazer isto.

Carter levantou-se, fez a irmã sentar-se na cadeira e tentou perceber onde podia colocar-se para passar despercebido. Emma chegou-se mais a Laurel, no sofá, depois deu uma palmadinha no almofadão.

— Senta-te, Carter. Então, Sherry, sentes-te muito excitada?
— Além dos limites! O Nick era para vir, mas teve uma cirurgia de emergência. Faz parte do pacote de casar com um médico. Mas achei que o Carter podia contribuir com a perspectiva masculina, não é? Além disso, ele conhece-me e conhece o Nick.

Estendeu o braço, pegou na mão de Parker, abanou um pouco o rabo na cadeira, para expressar a sua alegria.

— Conseguem acreditar nisto? Lembram-se de como brincávamos aos casamentos quando éramos miúdas? Eu lembro-me de brincar a isso algumas vezes com vocês. Acho que casei com a Laurel.

— E elas disseram que o casamento não ia durar — respondeu Laurel, provocando outra vez o riso fácil e contagioso de Sherry.

— E aqui estamos nós, no mesmo local. E eu vou casar-me.

— A cabra trocou-me por um médico. — Laurel abanou a cabeça, bebeu de um copo de água gelada na qual boiava uma rodela de limão.

— Ele é *fantástico*. Espera até o conheceres. Oh, meu Deus. Vou casar-me! — Premiu as bochechas com as mãos. — E mal sei por onde hei de começar. Sou tão desorganizada, e toda a gente me diz que devia pensar nisto ou reservar aquilo. Parece que estou a correr em círculos, e só estou noiva há dois meses.

— É para isso que aqui estamos — reconfortou-a Parker, pegando num grosso bloco de notas. — Porque não comesças por nos dizer que tipo de casamento pretendes? Descreve como o imaginas, apenas em três ou quatro palavras.

— *Hum...* — Sherry lançou um olhar de súplica ao irmão.

— Não olhes para mim. Que é que eu percebo disso?

— Conheces-me. Diz o que *achas* que eu quero.

Raios!

— Come bolachinhas — murmurou ele. — Diverte-te.

— *Sim!* — Ela apontou-lhe um dedo. — Não quero que pareça que não é importante, e solene, e essas coisas todas, mas quero a parte do divertimento. Quero uma festa grande, louca e feliz. Também quero que o Nick perca a fala durante cinco minutos seguidos quando me vislumbrar a descer o corredor. Quero *matá-lo*, e quero que todos os presentes o recordem

como um dia fantástico. Já fui a casamentos verdadeiramente bonitos mas, santo Deus, aborreci-me. Percebem?

— Exatamente. Queres deixar o Nick perplexo, depois queres uma celebração. Que reflita quem tu és, quem ele é e o quanto são felizes juntos.

Sherry lançou a Parker um sorriso resplandecente.

— É precisamente o que quero.

— Temos a data para outubro próximo. Tens uma estimativa do número de convidados?

— Tentaremos parar por volta dos duzentos.

— Muito bem. — Parker tomou nota. — No exterior, como tinhas dito. Um casamento no jardim.

Enquanto Parker discutia alguns pormenores possíveis com Sherry, Mac observava. *Animada* era a primeira palavra que lhe ocorria para descrever a noiva. Efervescente, alegre, bonita. Madeixas loiras, olhos de um azul estival, curvilínea, natural. Algumas das fotos e a estratégia dependeriam do vestido de noiva e das cores, mas sobretudo de quem *estava* dentro do vestido.

Anotou alguns pormenores. Seis damas de honor. As cores da noiva seriam o rosa-pálido e o rebuçado. E quando Sherry mostrou uma fotografia do vestido, Mac pediu-lha. Examinou-a e sorriu.

— Aposto que te fica lindo. É perfeito para ti.

— Achas? Parecia perfeito, e não demorei mais de dois minutos a comprá-lo, e depois...

— Não, por vezes esse impulso é correto. Esta é uma dessas vezes.

O vestido ostentava uma saia fabulosa, muito rodada, branca e brilhante, um corpete descaído nos ombros e uma cauda como um rio resplandecente.

— Princesa *sexy*.

Tendo conseguido, de momento, a atenção de Sherry, decidiu tratar dos seus próprios assuntos.

— Vais querer um retrato de noivado?

— Ah... bem, eu queria, mas não gosto daquelas fotografias formais que se veem tanto por aí. Estás a ver, ele atrás dela, ambos a sorrir para a máquina. Não é que te queira ensinar a fazer o teu trabalho.

— Não faz mal. O meu trabalho é fazer-te feliz. Conta-me o que tu e o Nick gostam de fazer. — Quando Sherry lhe lançou um sorriso demorado e malicioso, Mac riu e viu Carter corar novamente.

Ficava muito giro.

— Além disso.

— Gostamos de comer pipocas e ver filmes muito maus no DVD. Ele está a tentar ensinar-me a esquiar, mas os Maguire têm um gene verdadei-

ramente desastrado. O Carter herdou a maior parte, mas eu estou logo a seguir. Gostamos de estar com amigos, esse género de coisas. Ele é interno de cirurgia, por isso o seu tempo livre é precioso. Não fazemos muitos planos, somos mais do género espontâneo, acho eu.

— Percebo. Se quiseres, posso ir a tua casa. Fazemos fotografias casuais e descontraídas em casa, e não num estúdio formal.

— A sério? A ideia agrada-me. Pode ser em breve?

Mac procurou a agenda eletrónica e teclou no calendário.

— Tenho alguns furos esta semana, mas estarei mais livre na próxima. É melhor combinares com o Nick e dar-me alguns dias e horas que vos deem jeito. Conseguiremos introduzir-vos.

— Isto é fantástico!

— Talvez queiras ver umas provas de fotos de casamento — começou Mac.

— Já as vi no *website*, como a Parker sugeriu. E também as fotografias das flores, dos bolos, disse tudo. Quero tudo.

— Podemos dar uma olhadela aos diferentes pacotes — sugeriu Parker. — Para ver o que é conveniente para ti. Podemos sempre fazer um à tua medida.

— É aí que preciso do Carter. O Nick disse para eu fazer como quisesse, mas isso não ajuda.

Raios outra vez, pensou Carter.

— Sherry, não percebo nada deste género de coisas. Eu só...

— É assustador decidir sozinha. — Ela lançou-lhe o olhar arregalado e indefeso que funcionava desde os dois anos. — Não quero cometer um erro.

— Não precisas de decidir agora. — Parker manteve um tom ligeiro e natural. — E, caso decidas e depois mudes de ideias, não há problema. Terás reuniões específicas e individuais com cada uma de nós. Isso vai ajudar-te. Também podemos, de momento, suspender a data e assinar o contrato mais tarde.

— Gostava mesmo de assinar hoje, pôr um visto nesse item da lista. Há tantos! Carter, só uma opinião, nada mais.

— Porque não dás uma olhadela nas opções? — Sorrindo, Parker entregou-lhe um dossiê aberto na secção de «pacotes». — Entretanto, Sherry, já decidiste se queres uma banda ou um DJ?

— DJ. Achamos que será mais livre, e podemos escolher a *playlist* com ele ou com ela, suponho. Conheces alguém?

— Conheço. — Parker tirou de outra pasta um cartão de visita. — Já fez aqui vários eventos, e acho que será conveniente para ti. Telefona-lhe. Operador de vídeo?

No sofá, Carter pôs os óculos de leitura e franziu o sobrolho para os pacotes.

Tão sério, pensou Mac. E, com os óculos de aros metálicos, o quociente sexual de *nerd* disparou. Parecia mesmo um rapaz a estudar para um exame. Como Sherry e Parker estavam a entender-se, ela decidiu conceder-lhe uma pausa.

— Carter, não queres ajudar-me a fazer mais café? — Ele ergueu a cabeça para ela e piscou os olhos azuis emoldurados pela monótona armação de prata. — Traz a pasta, está bem?

Mac pegou na bonita cafeteira e avançou com grandes passadas para a porta, onde esperou. Ele teve de rodear a mesa de café, e Mac notou que, por pouco, não lhe batia com o tornozelo.

— O resto da equipa pode tratar do assunto a partir de agora — disse-lhe. — A tua irmã acha que, sendo tu o irmão mais velho e representando o noivo, precisa da tua opinião. Opinião a que, penso eu, não ligaria nenhuma se não correspondesse à dela.

— Ok — disse ele quando entraram na cozinha. — Não posso simplesmente fechar os olhos, pôr o dedo ao calhas em cima da ementa e despachar isto?

— Seria uma possibilidade. Mas o melhor é dizeres-lhe que o Número Três é o que te parece mais apropriado.

— Número Três. — Carter pousou a pasta na bancada, ajeitou os óculos e leu a descrição. — Porquê, em especial?

— Porque, embora seja muito inclusivo, e tenho a sensação de que ela quer que seja outra pessoa a tratar dos pormenores, deixa espaço para aperfeiçoamentos e dá-lhe uma série de opções dentro do pacote. Podes também dizer-lhe que, dentro desse pacote, deve preferir o bufê à comida empratada. Porque — continuou antes que ele pudesse perguntar — é mais informal, dá mais oportunidade às pessoas de socializarem. É conveniente para ela. Depois, quando tu estiveres fora disto, ela vai reunir-se com a Laurel por causa do bolo, sabores, desenho, tamanho e essas coisas todas, e com a Emma, para tratar das flores. A Parker trata do resto, e acredita-me quando digo que trata. Neste momento, parece muita coisa mas, uma vez que tenha escolhido o pacote, visto que já tratou do vestido, do local, das fotografias, etc., poderá pensar no resto.

— Está bem. — Ele acenou com a cabeça. — Está bem, eu digo-lhe para escolher o Número Três. Cobre uma série de pormenores, permite aperfeiçoamentos, tem várias opções incluídas. E deve preferir o bufê porque é mais amigável e incentiva o convívio.

— És bom.

— Absorver factos e texto é fácil. Se a Sherry me pedir ajuda para escolher ramos de flores, fujo.

— Respeito isso. — Ela entregou-lhe a cafeteira. — Neste ponto, elas não precisam de mim. Leva-lhes isto e diz a tua deixa. E lembra-a de me mandar as datas convenientes para a fotografia de noivado.

— Não voltas comigo?

Ele parecia um tanto em pânico. Mac deu-lhe uma palmadinha rápida na bochecha.

— Vê o aspeto positivo. É menos uma mulher no grupo. Vemo-nos por aí, Carter.

Ele ficou imóvel um momento, enquanto Mac saía e o deixava com o café e o dossiê.

CAPÍTULO TRÊS



Escapular-se um pouco mais cedo deu a Mac tempo suficiente para atender telefonemas, marcar reuniões e ainda acrescentar ao *website* uma seleção das últimas fotografias. Como tinha o resto da tarde livre, decidi passá-la a rever uma última vez as fotografias do casamento da véspera de Ano Novo.

O telefone irritou-a, mas disse a si mesma que trabalho era trabalho, e atendeu.

— Mac, fotógrafa da Votos.

— Mackensie.

Mac fechou instantaneamente os olhos e imitou o gesto de dar uma facada na cabeça. *Por que razão* não aprendia a verificar o visor, mesmo na linha de trabalho?

— Mãe.

— Não atendeste as minhas chamadas.

— Tenho estado a trabalhar. Expliquei-te que esta semana estava afundada em trabalho, mãe, e pedi-te que não telefonasses para a linha de trabalho.

— Pelo menos atendeste, não é verdade? O que é mais do que fizeste nas outras *três* vezes que liguei.

— Desculpa. — *Agora aguenta-te*, disse Mac a si mesma. Sempre seria mais rápido que dizer à mãe que não tinha tempo para falar com ela durante as horas de trabalho.

— Então, como foi o Ano Novo? — perguntou-lhe.

Mac ouviu uma única inspiração de ar que a avisou da iminência de uma tempestade.

— Rompi com o Martin, algo que já te teria dito se te tivesses dado ao trabalho de atender os meus telefonemas. Foi uma noite horrível. Horrível, Mac. — A respiração entrecortada encheu-se de lágrimas. — Há dias que estou devastada.

Martin, Martin... Não tinha a certeza de conseguir visualizar a imagem do atual ex-namorado.

— Lamento. As ruturas na época das festas são duras, mas acho que podes olhar para isso como um recomeço de ano novo numa lousa limpa.

— *Como?* Tu sabes como eu amava o Martin! Tenho 42 anos, estou sozinha e completamente destroçada.

Quarenta e sete, corrigiu Mac. Mas o que eram cinco anos entre mãe e filha? Sentada à secretária, Mac coçou a testa.

— Foste tu que acabaste, não foste?

— Que diferença faz? Acabou. Acabou e eu era louca por ele. Agora estou outra vez sozinha. Tivemos uma briga terrível, e ele foi irracional e mesquinho. Chamou-me *egoísta*. E excessivamente emocional e... oh, outras coisas terríveis. Não podia fazer mais nada, tinha de acabar. Ele não era o homem que eu julguei que fosse.

— *Hum*. A Eloisa já voltou para a escola? — perguntou, usando a meia-irmã para mudar de assunto.

— Ontem. Deixou-me neste estado, que mal consigo sair da cama de manhã. Tenho duas filhas. Devotei toda a vida às minhas meninas, e nenhuma delas faz qualquer esforço para me apoiar emocionalmente quando estou destroçada.

Como a cabeça já lhe começava a latejar, Mac inclinou-se para bater com ela devagarinho na secretária.

— O semestre está a começar. Ela tinha de voltar. Talvez o Milton...

— *Martin*.

— Pois, talvez ele peça desculpa, e então...

— Acabou, não há volta a dar. Nunca perderei um homem que me tratou tão mal. Preciso de me curar, de me reencontrar. Preciso de algum tempo para mim, de alguma tranquilidade, de um sítio para me desintoxicar do stresse desta situação tão feia. Marquei uma semana num *spa* na Florida. É mesmo disso que estou a precisar. De sair daqui, livrar-me deste frio horrível, das recordações e da dor. Preciso de três mil dólares.

— Três... Mãe, não podes esperar que eu largue três mil dólares para ires fazer tratamentos faciais na Florida porque te zangaste com o Marvin.

— Martin, caraças, e é o mínimo que podes fazer. Se eu precisasse

de tratamento médico, serias mesquinha com o pagamento do hospital? Tenho de ir. Já reservei.

— A avó não te mandou dinheiro o mês passado? Um presente de Natal antecipado?

— Tive despesas. Comprei um *TAG Heuer*, uma edição limitada, àquele homem horrível, como presente de Natal. Como poderia saber que ia transformar-se num monstro?

Começou a soluçar de uma maneira que dava pena.

— Devias pedir que to devolvesse. Ou...

— Eu nunca seria *tão* foleira. Não quero a porcaria do relógio, nem o quero a ele. Quero fugir daqui.

— Ótimo. Vai para um sítio que possas pagar, ou...

— Preciso do *spa*. Obviamente, estou lisa, depois de todas as despesas das festas, e preciso da tua ajuda. O teu negócio corre muito bem, como sempre gostas de me dizer. Preciso de três mil dólares, Mackensie.

— Tal como precisaste de dois mil no verão passado, para tu e a El passarem uma semana na praia. E...

Linda desatou novamente a chorar. Desta vez Mac não bateu com a cabeça na mesa, simplesmente deixou-a ficar ali.

— Não me vais ajudar? A tua própria mãe? Imagino que, se me despejassem de casa, tu olhavas para o outro lado. Vá, continua com a tua vida enquanto a minha está destruída. Como podes ser tão egoísta?

— Transfiro o dinheiro para a tua conta de manhã. Boa viagem — disse, e desligou.

Levantou-se, foi à cozinha e tirou uma garrafa de vinho do armário. Precisava de uma bebida.

Com o cérebro entorpecido devido a quase duas horas de tule, rosas, toucados, listas de convidados e o diabo a sete — e com o sistema hiperenergizado a café e bolachinhas (bolachinhas estupendas), Carter dirigiu-se ao carro. Deixara-o estacionado mais perto do estúdio de Mac que da mansão. Devido a essa escolha geográfica, fora incumbido de lhe entregar um pacote que alguém deixara na casa grande por engano.

Enquanto o transportava debaixo do braço, os primeiros flocos finos de neve começaram a rodopiar em torno dele. Precisava de chegar a casa, pensou. Tinha de terminar o plano de uma aula e de aperfeiçoar um exame que queria entregar aos alunos no final da semana.

Queria os seus livros e a sua tranquilidade. A tarde de estrogénio, açúcar e cafeína deixara-o exausto. Além disso, a cabeça voltara a doer-lhe.

A neve e a casa estavam envoltas em escuridão, o suficiente para te-

rem acendido as luzes ao longo do carreiro. Contudo, notou, no estúdio de Mackensie não brilhava luz alguma.

Talvez ela tivesse saído, cogitou, ou estivesse a dormir a sesta, ou a cirandar outra vez meia despida. Considerou a possibilidade de deixar o pacote junto da porta da frente, mas parecia um ato irresponsável. Além disso, seria a desculpa perfeita para voltar a vê-la — e reexplorar o fraquinho secreto que tivera por ela aos dezassete anos.

Então bateu à porta, mudou a posição do pacote e aguardou.

Mac abriu a porta, completamente vestida, o que lhe trouxe tanto alívio como desapontamento. Ali estava ela, sob a luz débil, com um copo de vinho numa mão e a outra apoiada à porta.

— Ah, a Parker pediu-me que trouxesse isto quando me fosse embora. Eu só...

— Certo, muito bem. Entra.

— Era só para...

— Toma um pouco de vinho.

— Estou a conduzir, por isso... — Mas ela já se afastava da porta. Com aquela maneira de andar sensual, notou ele, como que a deslizar.

— Eu estou a beber, como podes ver perfeitamente. — Tirou outro copo, serviu-o generosamente. — Não queres que beba sozinha, pois não?

— Aparentemente, é demasiado tarde para isso.

Com uma gargalhada, ela pôs-lhe o copo na mão.

— Nesse caso, põe-te a par. Só bebi dois. Não, três. Acho que bebi três.

— Hum-hum. Está bem. — Se ele não estava enganado, sentia-se rai-va e perturbação sob o entusiasmo causado pelos três copos. Em vez de beber, estendeu o braço para acender a luz da cozinha. — Está escuro aqui.

— Acho que sim. Foste simpático com a tua irmã. Algumas famílias são simpáticas, tenho-o observado, tenho-o notado. Lembro-me de que a tua o é. Não te conhecia assim tão bem, nem à Sherry, mas lembro-me. Uma família simpática. A minha é terrível.

— Ok.

— Sabes porquê? Deixa-me dizer-te. Tu tens uma irmã, não é?

— Tenho. Na verdade, tenho duas. Talvez seja melhor sentarmo-nos.

— Duas, pois é. Também tens uma irmã mais velha. Nunca a vi. Então, duas irmãs. Eu tenho um irmão, constituído por duas metades. Uma meia-irmã e um meio-irmão, um de cada pai, que podem misturar-se e formar um irmão. Isto para não contar o número de filhos dos padrastos e madrastas que tenho tido. Já lhes perdi a conta. Vêm e vão, vão e vêm, à medida que os meus pais casam a torto e a direito. — Bebeu um gole de vinho. — Aposto que fizeram uma grande festa de Natal, não é verdade?

— Ah, sim. Nós...

— Sabes o que eu fiz?

Ok, ele percebera. Não se tratava de uma conversa. Ele servia-lhe apenas de caixa de ressonância.

— Não.

— Como o meu pai está... algures. Deve ser em Vail — considerou, franzindo o sobrolho —, ou talvez na Suíça, com a terceira mulher e o filho de ambos, estava fora de questão. Contudo, mandou-me uma pulseira ridiculamente cara, não em consequência de qualquer sentimento de culpa ou de uma particular devoção paternal, coisas de que é completamente destituído, mas por ser um filhinho de papá rico absolutamente descuidado com o dinheiro.

Ela deteve-se, franzindo a testa, e bebeu um pouco mais.

— Onde é que eu ia?

— No Natal.

— Certo. O Natal de família a que tenho direito. Fiz a visita de cortesia à minha mãe e à Eloisa, a meia-irmã, no dia 23, porque nenhuma de nós estava minimamente interessada em passar o Natal com as outras. Nada de peru para nós. Troca de presentes, uma bebida, desejar felicidades e fugir.

Ela sorriu, mas sem qualquer vestígio de humor.

— Não entoámos cânticos de Natal em redor do piano. Na verdade, a El escapou-se ainda mais cedo que eu, para sair com amigos. Não posso censurá-la. A minha mãe leva as pessoas à bebida, como podes ver.

— Vejo. Vamos dar um passeio.

— Um quê? Porquê?

— Porque não? Está a começar a nevar. — Com naturalidade, ele tirou-lhe o copo da mão e pousou-o, juntamente com o seu, em que não tocara, em cima da bancada. — Gosto de caminhar na neve. Ali está o teu casaco.

Ela franziu o sobrolho quando ele foi buscar o casaco e voltou para lho vestir.

— Não estou bêbeda. Ainda não. Além disso, será que uma mulher não pode apanhar uma bebedeira piedosa na sua própria casa, se lhe apetece?

— Claro que pode. Tens um gorro?

Ela procurou no bolso do casaco e desenterrou o gorro verde-vivo.

— Isto não quer dizer que passe as noites aqui a emborcar vinho, ou seja o que for.

— Tenho a certeza que não o fazes. — Ele pôs-lhe o gorro na cabeça e enrolou-lhe o cachecol em volta do pescoço antes de lhe abotoar o casaco. — Assim está bem. — Pegou-lhe no braço, conduziu-a à porta e saíram.

Ouviu-a assobiar entre dentes quando o frio lhe bateu no rosto, e manteve-lhe o braço seguro, pelo sim, pelo não.

— O calor é melhor — murmurou Mac, mas quando tentou virar-se, ele continuou a andar e a puxá-la.

— Adoro quando neva à noite. Bem, ainda não é de noite, mas parece que não tardará. Gosto de ver pela janela, o branco contra o preto.

— Não estamos a ver pela janela. Estamos mesmo no meio disto.

Ele limitou-se a sorrir e continuou a andar. Havia muitos carreiros, notou, todos cuidadosamente limpos antes do nevão.

— Quem limpa tudo isto?

— Tudo, o quê?

— A neve, Mackensie.

— Nós, ou então recrutamos o Del ou o amigo dele, o Jack. Às vezes pagamos a uns adolescentes. Depende. Temos de manter os carreiros limpos. Isto é uma empresa, e temos de tratar da manutenção. Recorremos ao limpa-neves para as áreas de estacionamento.

— Muito trabalho, com um sítio deste tamanho e um negócio com tantas facetas.

— Faz tudo parte do negócio. Além disso, também funciona como casa, por isso nós... Oh, estás a mudar de assunto. — De olhos semicerrados, ela espreitou-o de sob o gorro. — Não sou estúpida, só estou um pouco embriagada.

— Qual era o assunto?

— A imensa atitude de merda da minha família. Onde é que eu ia?

— Acho que te interrompeste no Natal e na maneira como a tua mãe te conduz à bebida.

— É isso, foi o que fiz. Eis como me levou à bebida desta vez: rompeu com o último namorado. Uso o termo *namorado* deliberadamente, pois a sua atitude mental no que diz respeito a homens, casamentos e relacionamentos, é a de uma adolescente. Seja como for, é só dramas, e é claro que agora tem de ir para um *spa*, para recuperar da tortura, do stresse e do coração despedaçado. O que é uma treta, mas ela *acredita* nisso. E visto que não consegue manter dez dólares no bolso por mais de cinco minutos, espera que eu a carte com as despesas. Três mil.

— A tua mãe acha que tens de lhe dar três mil dólares porque rompeu com o namorado e quer ir para um *spa*?

— Se ela precisasse de uma operação, eu deixá-la-ia morrer? — Tentando transmitir o método de ataque da mãe, Mac rodou ambos os braços no ar. — Não, não foi esta que usou desta vez! Desta vez foi a de ser sem-abrigo, nas ruas. Tem uma coleção deste género. Ou talvez tenha usado ambas, começo a misturar tudo. Mas sim, ela acha que tenho de lhe

pagar isso. Correção: *vou* pagar-lhe isso porque, caso contrário, não pararia de me chatear. Daí o vinho, porque fico furiosa e enjoada por ceder sempre.

— Não é da minha conta, mas se continuasses a dizer não, ela não haveria de parar? Porque, se continuares a dizer que sim, não tem razão para desistir.

— Eu *sei*. — Ela deu-lhe uma palmadinha no peito. — Claro que sei, mas a minha mãe é inexorável e eu só queria que me largasse. Continuo a pensar que o melhor era ela casar outra vez, ter a sorte de arranjar o número quatro, e ir-se embora. Para longe, muito longe, talvez para a Birmânia. Desaparecer mesmo, como o meu pai. Aparecer só de vez em quando. Talvez ela conheça um tipo qualquer neste *spa*, quando estiver sentada à beira da piscina a beber um sumo de cenoura, ou algo assim, e se apaixone, o que para ela é tão fácil como comprar sapatos. Não, mais fácil. Apaixonava-se — continuou Mac —, mudava para a Birmânia e deixava-me em paz.

Suspirou, ergueu o rosto. Já não estava tanto frio, pensou. E a queda de neve, cada vez mais espessa, era bonita e tranquilizadora. Passear na neve, teve de admitir, era uma ideia melhor do que beber.

— Tu és do género protetor, não és?

— Que queres dizer com isso?

— Tenho a certeza que abres sempre a porta a alguém que esteja com as mãos ocupadas, mesmo que tenhas pressa. E ouves os problemas pessoais dos teus alunos, mesmo que tenhas outra coisa para fazer. — Baixou o rosto para o olhar. — Além de levares mulheres vagamente bêbedas a passear na neve.

— Parecia-me o melhor a fazer. — Menos entusiasmo, pensou ele ao olhar para dentro daqueles fascinantes olhos verdes. Mais tristeza.

— Deves estar farto de mulheres.

— Queres dizer em geral, ou só neste momento?

Ela sorriu-lhe.

— Aposto que és mesmo bom tipo.

Ele não suspirou, mas teve vontade.

— Já fui acusado disso. — Olhou em volta, procurando algo mais de que falar. Devia levá-la de volta a casa, pensou, mas só queria estar um pouco mais com ela. Na escuridão nevada. — Então, que género de aves é que aparece? — perguntou, apontando os dois bonitos comedouros.

— Do género que voa. — Ela enfiou as mãos nos bolsos. Nenhum deles se lembrara de procurar as suas luvas. — Não sei muito acerca de pássaros. — Inclinando a cabeça, voltou a examiná-lo. — És um observador de aves, ou algo assim?

— Não, não de forma séria. Só como uma espécie de passatempo. — Santo Deus, será que podia apresentar-se ainda mais como um bicho raro?

Deixa de fazer figura de parvo e vai-te embora enquanto é tempo, Carter. — É melhor voltarmos. A neve está a cair com mais força.

— Não me vais dizer que espécie de aves posso ver? Eu e a Emma enchemos os comedouros, visto que ficam entre a casa dela e a minha.

— A casa dela?

— Sim. — Mac apontou a bonita casa de dois andares. — É a antiga casa de hóspedes, e ela usa as estufas que ficam atrás. Eu fiquei com a casa da piscina. A Laurel e a Parker partilham o terceiro andar da mansão, as alas este e oeste, por isso é como se tivessem a sua própria casa. A casa é sobretudo da Parker, mas a Laurel precisa da cozinha, eu preciso de espaço para o estúdio, a Emma precisa das estufas, por isso este era o esquema que fazia mais sentido. Passamos muito tempo na casa grande, mas todas temos os nossos espaços individuais.

— São todas amigas há muito tempo.

— Desde sempre.

— É como uma família, não é? O género de família sem atitude de merda.

Ela deu uma gargalhadinha.

— És esperto. Quanto aos pássaros?

— Nesta altura do ano, é fácil ver cardeais.

— Está bem, toda a gente consegue reconhecer um cardeal. Foi um cardeal que te proporcionou uma visão dos meus seios.

— Desculpa... que dizes?

— Voou de encontro à janela da cozinha e eu entornei a bebida na camisa. Então, aves. Além dos vermelhos que embatem nas janelas. Que tal um... sei lá... saltitão de barriga encrespada?

— Infelizmente o saltitão de barriga encrespada está extinto. Mas podes avistar alguns pares de pardais riscados nesta área durante o inverno.

— Pares de pardais riscados. Visto que consigo repetir estas palavras sem me engasgar, já não devo estar bêbeda.

Desceram o carro entre as luzes brilhantes e a escuridão da noite, enquanto a neve caía em flocos dignos de um filme de Hollywood. Mac pensou que, para janeiro, não se podia pedir uma noite mais bonita. Tê-la-ia perdido se ele não tivesse aparecido e insistido — à sua maneira discreta — para darem um passeio.

— Neste momento, sinto dever dizer que não tenho o hábito de emborcar vários copos de vinho antes do pôr-do-sol. Em geral, teria canalizado a frustração para o trabalho ou teria ido descarregar na Parker e nas outras. Mas sentia-me demasiado furiosa para isso. Nem me apetecia gelado, o que também é uma muleta pessoal em tempos difíceis.

— Calculei tudo isso, menos o gelado. A minha mãe, quando está

realmente chateada ou zangada, faz sopa. Grandes panelas de sopa. Tenho comido muita sopa toda a vida.

— Aqui, ninguém cozinha a sério, a não ser a Laurel e a senhora G.

— Senhora G... queres dizer, a senhora Grady? Ainda cá está? Não a vi hoje.

— Ainda cá está e ainda toma conta da casa e de toda a gente que cá mora, graças a Deus. Está de férias, como acontece todos os anos durante o inverno. Vai para St. Martin no dia um de janeiro, como um relógio, e fica até abril. Como sempre, encheu um congelador de guisados, sopas, estufados e essas coisas antes de partir, para que não morramos à fome em caso de tempestade ou guerra nuclear.

Deteve-se diante da porta de casa, voltando a inclinar a cabeça para ele.

— Foi cá um dia! Aguentaste-te bem, Professor.

— Teve alguns momentos interessantes. É verdade, a Sherry vai optar pelo Número Três, com bufê.

— Boa escolha. Agradeço o passeio, e os ouvidos.

— Gosto de andar. — Enterrou as mãos nos bolsos porque não sabia bem o que fazer com elas. — É melhor ir, porque conduzir nestas condições é difícil. E tenho trabalhos de casa.

— Trabalhos de casa — repetiu ela, e sorriu.

Então, colocou-lhe nas bochechas as mãos aquecidas pelos bolsos e roçou os lábios nos dele, num beijo leve, amigável, quase fraternal.

Ele teve uma branca. Mexeu-se antes de pensar, atuou antes de refletir. Segurou-lhe os ombros, puxou-a para si e encostou-a à porta enquanto transformava o leve roçar de lábios num longo e profundo beijo.

Aquilo que imaginara aos dezassete anos, tornava-se realidade aos trinta. O gosto dela, a *sensação*. Aquele momento de lábios e língua e o calor a aumentar no sangue. Enquanto a neve caía silenciosamente, naquela quietude elementar, o som da sua respiração sussurrada irrompeu-lhe na mente como um trovão.

Era como a preparação de uma tempestade.

Mac não o afastou, não o empurrou, não protestou por ele se ter aproveitado do seu gesto delicado, transformando-o num momento intenso e selvagem. A primeira coisa que pensou foi: *Quem haveria de dizer?* Quem haveria de dizer que o rapaz certinho, o professor de Inglês que esbarrava nas paredes, sabia beijar assim?

Como se planeasse arrastá-la para a caverna mais próxima e arrancar-lhe ansiosamente as roupas, ao mesmo tempo que ela arrancaria ansiosamente as dele.

Depois, pensar deixou de ser uma opção e a única coisa que podia fazer era tentar acompanhá-lo.

Arrastada pela emoção. Mac nunca acreditara que isso fosse possível, mas sentia-se arrastada.

As mãos dela deslizaram do rosto dele, enfiaram-se-lhe pelo cabelo. Agarraram.

O movimento fê-lo dar um salto para trás. Afastou-se e quase escorregou na neve que cobria o carreiro. Ela não se moveu um milímetro, mas fitou-o com os olhos brilhando no escuro.

Santo Deus, pensou ele. Perdera a cabeça.

— Desculpa — balbuciou enquanto a mortificação e a excitação se debatiam no seu íntimo. — Desculpa. Isto foi... não foi... Só... desculpa mesmo.

Ela continuou a fitá-lo enquanto ele se afastava com passadas desastradas, devido à neve recente. Ouviu algures, por entre o ressoar na sua cabeça, o *bip* do comando a destrancar o carro, viu-o abrir a porta e enfiar-se no interior iluminado.

Arrancou antes de ela recuperar a respiração e a voz. Quando ele já se afastava, conseguiu dizer, debilmente:

— Não faz mal.

Sentindo um entusiasmo muito maior que o provocado pelo vinho, entrou em casa. Foi à cozinha, despejou no lava-loiça o copo de vinho em que ele não tocara, e depois o que sobrara no dela. Olhando cegamente em volta, virou-se e encostou-se ao lava-loiça.

— Uau!

CAPÍTULO QUATRO



Algumas manhãs, uma pessoa precisa de mais que uma *Pop-Tart* e uma injeção de café, decidiu Mac. Percebeu que fora poupada à infelicidade de uma ressaca — obrigada, Carter Maguire —, mas alguns centímetros de neve recente significavam ter de pegar na pá. Precisava de combustível a sério. Sabendo onde podia encontrá-lo, calçou as botas, vestiu o casaco e saiu.

E voltou imediatamente lá dentro, para ir buscar a máquina.

A luz, forte e brilhante, rompia do duro céu azul para o mar branco e quieto. Intocado, não pisado, aquele mar espalhava-se pela terra, inundava-a. Afogava-a. Os arbustos tinham-se tornado criaturas corcundas que atravessavam aquele mar gelado, e as rochas que formavam a lagoa da piscina eram uma barricada ruída.

Quando inspirou, o frio era como minúsculos estilhaços de vidro, depois expirou em nuvens gélidas, focando o palácio invernosos em que o bosquezinho se tornara.

As paisagens e as imagens pictóricas raramente lhe chamavam a atenção. Mas aquilo, pensou, aquele preto e branco com tantos tons intermédios, a sombra e a luz sob o céu azul quase selvagem, exigiam ser registados. Tantas formas, tantas texturas, com ramos enterrados e cascas de árvores rendilhadas a oferecerem incontáveis possibilidades.

E a enorme e belíssima casa erguia-se do mar de neve como uma ilha elegante e graciosa.

Caminhou até lá, fazendo experiências com os ângulos, aproveitando a luz, focando as bolas de algodão brilhantes das azáleas que floresceriam na

primavera. Um movimento chamou-lhe a atenção e, quando se virou para o seguir, avistou um cardeal que se empoleirava no ramo de um bordo coberto de neve. Instalou-se, um ponto único de vermelho-vivo, e começou a trinar.

Mac agachou-se e fez *zoom* em vez de se aproximar, temendo perder a fotografia. Seria o mesmo pássaro que embatera na janela? Se era, parecia não ter ficado magoado nem desalinhado. Era como uma chama no ramo rendilhado de branco.

Captou o momento, tirando três fotografias numa sucessão rápida, fazendo ligeiras mudanças no ângulo e dobrando-se lentamente para o lado esquerdo, o que lhe deixou os jeans cobertos de neve.

Então o pássaro levantou voo por cima do mar gelado, através da luz brilhante, e desapareceu.

Emmaline, a linda Emmaline no seu velho casaco azul-marinho, gorro e cachecol brancos, atravessou a neve na direção dela.

— Não sabia quanto tempo teria de ficar ali especada até tu acabares ou o maldito pássaro levantar voo. Está um *frio!*

— Adoro o inverno. — Mac voltou a pegar na máquina e com Emma na mira, premiu o botão.

— Não! Santo Deus, estou horrível.

— Estás gira. Gosto mesmo dessas *Uggs* cor-de-rosa.

— Porque as comprei em rosa? Onde é que eu tinha a cabeça? — Abanou a cabeça quando se juntou a Mac, e prosseguiram ambas para a casa. — Pensei que já estivesses lá dentro, a chatear a Laurel para fazer o pequeno-almoço. Não foste tu que me ligaste e disseste a palavra *panquecas*, há cerca de uma hora?

— Sim, e agora podemos ir as duas convencê-la a fazê-las. Fiquei presa aqui, está fantástico. A luz, os tons, a textura. E o raio daquele pássaro? Foi como um bónus.

— Estão seis graus negativos e, depois das panquecas, temos de gelar os rabos a limpar esta neve. Porque é que não pode ser sempre verão?

— Dificilmente nos fazem panquecas no verão. Talvez crepes, mas não é a mesma coisa.

Enquanto batia as botas cor-de-rosa para sacudir a neve, Emma lançou um olhar ameaçador a Mac, depois abriu a porta.

Mac sentiu imediatamente o cheiro a café. Despiu o casaco, pousou cuidadosamente a máquina em cima da secadora e foi dar a Laurel um abraço de partir costelas.

— Sabia que podia contar contigo.

— Vi-te pela janela a brincar aos amantes da natureza e calculei que viesses aí choramingar por panquecas. — Com os cabelos amarrados atrás e as mangas arregaçadas, Laurel pesava a farinha.

- Amo-te, e não é só pelas tuas panquecas em dia de neve.
- Ótimo, nesse caso põe a mesa. A Parker já está lá em cima, a responder a *e-mails*.
- Vai chamar o limpa-neves? — perguntou Emma. — Tenho três reuniões hoje.
- Para o estacionamento. O consenso é que não há neve suficiente para convocar tropas que limpem o resto. Podemos nós tratar disso.
- A expressão de Emma nublou-se num beicinho.
- Odeio limpar neve.
- Pobre Em — disseram Mac e Laurel em uníssono.
- Cabras.
- Tenho uma história para o pequeno-almoço. — Entusiasmada pela sessão fotográfica espontânea e pela proximidade das panquecas, Mac deitou açúcar no café que servira. — Uma história *sexy*.
- Emma deteve-se quando ia abrir o armário dos pratos.
- Desembucha.
- Ainda não estamos a comer. E, seja como for, a Parker ainda não desceu.
- Vou lá acima arrastá-la até aqui. Quero uma história *sexy* ao pequeno-almoço, que me mantenha quente enquanto limpo aquela neve estúpida. — Emma saiu apressadamente da cozinha.
- Uma história *sexy* para o pequeno-almoço. — Examinando Mac, Laurel pegou na colher de madeira para bater a massa. — Deve envolver o Carter Maguire, a não ser que tenhas recebido um telefonema obsceno e consideres isso *sexy*.
- Depende de quem telefonasse.
- Ele é amoroso, embora não seja o teu género habitual.
- Mac olhou para trás enquanto abria a gaveta para tirar talheres.
- Eu tenho um género?
- Sabes que sim. Atlético, amigo de se divertir, poderá ter uma inclinação criativa, mas não é uma exigência, que não seja demasiado intenso nem sério. Nada no teu historial inclui um encanto cerebral, académico ou sereno.
- Foi a vez de Mac fazer uma carranca.
- Gosto de tipos inteligentes. Talvez simplesmente ainda não tenha encontrado um que mexesse comigo.
- Ele também é doce, e isso não é o teu habitual.
- Gosto de doce — objetou Mac. — Prova o meu café.
- Com uma gargalhada, Laurel pousou a massa para tirar do frigorífico um sortido de bagas.
- Põe a mesa, Elliot.

— Estou a pôr. — Enquanto o fazia, analisou a lista de Laurel. Talvez ela tivesse razão... até certo ponto. — Toda a gente tem um género. A Parker tem um género: bem-sucedido, bem arranjado, muito acessível.

— Ser bilingue é uma mais-valia — acrescentou Laurel lavando as bagas. — Deve ser capaz de distinguir entre *Armani* e *Hugo Boss* a vinte passos de distância.

— A Emma também tem um género. Têm de ser homens.

Laurel lançou uma gargalhada quando Emma voltava.

— A Parker vem já. Qual é a piada?

— Tu, querida. A grelha está quente — anunciou Laurel. — É melhor despacharmo-nos.

— Bom-dia, sócias. — Parker entrou: calças de ganga pretas, camisola de caxemira, o cabelo muito bem penteado para trás e preso num rabo-de-cavalo, maquilhagem discreta. Mac pensou vagamente que seria fácil detestar Parker, se não a amasse.

— Marquei mais três reuniões para mostrar a casa e fazer conversa. Caramba, adoro as festas! Há tantas pessoas que ficam noivas. E, daqui a nada, é o Dia dos Namorados, e teremos mais contratos. Panquecas?

— Vai buscar o doce — disse-lhe Laurel.

— As estradas estão limpas. Acho que ninguém cancelará as reuniões de hoje. Oh, os Paulson mandaram um *e-mail*. Acabam de chegar da lua-de-mel. Vou usar alguns excertos no *website*.

— Nada de trabalho — interrompeu Emma. — A Mac tem uma história *sexy* para o pequeno-almoço.

— A sério? — De sobranceiras levantadas, Parker pousou o doce e a manteiga na mesa do cantinho do pequeno-almoço. — Conta-nos tudo.

— Começa, como acontece muitas vezes nas histórias *sexy*, no momento em que entornei *Coca-Cola Diet* na camisa.

Começou a contar a história enquanto Laurel trazia o prato de panquecas para a mesa.

— Ele *disse* que tinha esbarrado numa parede — interrompeu Emma. — Pobre Carter. — Soltou uma gargalhada enquanto cortava uma lasca minúscula de panqueca.

— Com toda a força — acrescentou Mac. — Quero dizer, investiu contra ela. Se fosse nos desenhos animados, teria atravessado a parede e deixado aí um buraco em forma de Carter. Logo a seguir, estava sentado no chão e eu a tentar perceber em que estado se encontrava, com as mamas em cima da cara dele... algo que ele me fez notar muito delicadamente.

— Desculpe... menina, parece-me que as suas mamas estão na minha cara?

Mac abanou o garfo na direção de Laurel.

— Só que ele não disse *mamas* e gaguejou. Então eu fui tirar uma camisa da secadora, levei-lhe um saco de gelo e conclui que não precisava de uma ambulância.

Continuou, ao mesmo tempo que devorava uma pequena pilha de panquecas.

— Estou um pouco decepcionada — disse Laurel. — Esperava que uma história *sexy* para o pequeno-almoço envolvesse sexo, e não só as tuas lindas *mamas*.

— Ainda não acabei. A segunda parte começa quando volto a casa para trabalhar e atendo distraidamente o telefone. Era a minha mãe.

O sorriso de Parker desvaneceu-se e ela abanou a cabeça.

— Isso não é *sexy*. Já te disse para filtrares as chamadas, Mac.

— Eu sei, mas foi pela linha de trabalho e eu não estava a pensar. Seja como for, fiz pior. Ela rompeu com o último namorado e pôs-se com a cantiga do costume. Está destrozada, devastada, *blá, blá, blá*. A dor e o sofrimento exigem uma semana num *spa* da Florida, e três mil dólares meus.

— Não o fizeste — murmurou Emma. — Diz-me que não o fizeste.

Mac encolheu os ombros e deu mais uma garfada nas panquecas.

— Quem me dera poder dizer que não.

— Querida, tens de parar — disse-lhe Laurel. — Tens mesmo de parar.

— Eu sei. — Por baixo da mesa, Emma acariciou o joelho de Mac, para a confortar. — Eu sei, mas cedi, foi tudo. Depois abri uma garrafa de vinho, para afogar as mágoas.

— Devias ter voltado para aqui. — Parker estendeu o braço, tocou na mão de Mac. — Nós estávamos aqui.

— Também sei isso. Sentia-me demasiado zangada, triste e cheia de pena e nojo de mim. Depois, adivinhem quem me bateu à porta?

— Oh, oh. — Laurel arregalou os olhos. — Diz-me que não tiveste sexo bêbedo e autopiedoso com o Carter; mas se assim foi, por favor, não omitas pormenores.

— Convidei-o a entrar e tomar uma bebida.

— Oh, caramba. — Para celebrar, Emma comeu mais uma lasca de panqueca.

— Descarreguei tudo nele, as tretas todas da minha família. O homem foi lá para deixar uma encomenda e acaba com uma mulher meio bêbeda, em plena orgia de comiseração. Ele ouviu-me, o que não percebi na altura, porque estava toldada e vociferante, mas ouviu-me. Depois levou-me a dar um passeio. Vestiu-me o casaco, abotoou-mo, como se eu tivesse três anos, e levou-me para fora. Aí, ouviu-me mais um pouco até eu quase esgotar tudo. Depois acompanhou-me à porta e...

— Convidaste-o a entrar e tiveram sexo — interrompeu Emma.

— Arranja a tua própria história *sexy* para o pequeno-almoço. Eu sentia-me um pouco embaraçada e muito grata, por isso dei-lhe um beijinho nos lábios. Uma espécie de beijo de agradecimento. E quando dei por mim, estava envolvida num beijo de fritar o cérebro, pôr o sangue a bombar e com tambores da selva a baterem. Do género atraio-te a mim e depois atiro-te contra uma superfície sólida.

— Oh! — Emma estremeceu de puro deleite. — *Adoro* esses.

— Tu adoras beijos de todos os géneros — notou Laurel.

— Sim, é verdade. Eu imaginava que o Carter fosse mais do género *sexy* lento e tímido.

— Talvez seja, porque enquanto a minha cabeça se ocupava em explodir, ele parou, pediu desculpa, um par de vezes, depois escapuliu-se para o carro. Quando recuperei a voz, já tinha partido.

Parker afastou o prato e pegou no café.

— Bem, tens de ir atrás dele. Obviamente.

— Obviamente — concordou Emma, olhando para Laurel à espera do seu voto a favor.

— Isso pode ser um problema. — Laurel encolheu os ombros. — Ele não é o género dela, e fez coisas que não coincidem com o seu comportamento habitual. Cheira-me a complicações.

— Porque é um tipo simpático, doce e ligeiramente desastrado, que beija como um guerreiro? — Emma deu a Laurel um pontapé leve por baixo da mesa. — A mim, cheira-me a romance.

— Tu consegues cheirar romance num engarrafamento da 95.

— Talvez. Mas sabes muito bem que queres ver o que acontece a seguir. Não podes simplesmente deixar que um beijo desses fique por aí — acrescentou Emma, virando-se para Mac.

— Talvez, porque, assim como está, é uma boa história *sexy* para o pequeno-almoço, e ninguém sai magoado. Agora tenho de ir telefonar para o banco e atirar aqueles três mil dólares pela janela como se fossem *confetti*. — Saiu do cantinho onde tomavam o pequeno-almoço. — Encontramo-nos lá fora, com pás.

Depois de Mac sair, Parker tirou uma framboesa da taça.

— Ela não deixará as coisas ficarem por aqui. Dava em maluca.

— Segundo contacto nas próximas quarenta e oito horas — concordou Laurel, depois fez uma carranca. — Caramba, ela conseguiu escapar-se sem ajudar com a loiça.

À sua secretária na academia, Carter reviu os pontos de discussão que tencionava introduzir na turma da última hora. Manter a energia e o interesse

dos alunos era o mais importante nessa última aula do dia, quando apenas cinquenta minutos (ou infindáveis cinquenta minutos, dependendo do ponto de vista) os separavam da liberdade. As perspectivas certas podiam captar a atenção errante dos que não paravam de olhar para o relógio.

Talvez aprendessem alguma coisa.

O problema era ele próprio não ser capaz de se concentrar. Deveria telefonar a Mac e voltar a pedir desculpa? Talvez escrever-lhe uma mensagem. Em geral, era melhor a escrever do que a falar.

Ou devia, simplesmente, não pensar mais no assunto? Já lá iam dois dias. Bem, um dia e duas noites, se quisesse ser mais picuinhas.

Ele sabia que estava a ser picuinhas com aquilo.

Queria deixar andar, simplesmente deixar andar e anotar a situação na longa lista de Momentos Embaraçosos do Carter. Mas não conseguia deixar de pensar naquilo. De pensar nela.

Voltara exatamente ao ponto em que se encontrava treze anos antes. Sofria de um fraquinho patético por Mackensie Elliot.

Havia de o ultrapassar, pensou. Já o ultrapassara antes. Bem, quase.

Apenas perdera a cabeça por um momento, era tudo. E era compreensível, considerando o resto da sua experiência.

Mesmo assim, talvez devesse escrever-lhe uma mensagem de desculpas.

Querida Mackensie

Queria oferecer-te as minhas sinceras desculpas pelo meu comportamento inapropriado de quatro de janeiro. As minhas ações foram indesculpáveis e profundamente lamentadas.

Com amizade, Carter

Não arranjará maneira de se mostrar ainda mais formal e estúpido?

Fosse como fosse, Mac já devia ter esquecido o que acontecera, depois de umas gargalhadas rápidas com as amigas. E quem poderia censurá-la?

Deixar andar, era o que havia a fazer. Deixar andar e ir conduzir a sua turma numa discussão sobre Rosalinda como mulher do século vinte e um.

Sexualidade. Identidade. Astúcia. Coragem. Espírito. Lealdade. Amor.

Como é que Rosalinda usara a sua sexualidade dual na peça, para se tornar a mulher do final, em vez da rapariga que era ao princípio e do rapaz cujo papel representara entretanto?

Usa a palavra «sexo» e atrairás a atenção dos adolescentes, pensou Carter.

Como é que...

Continuou a reler as notas e, quando bateram à porta, disse um «Entre» distraído. Ah, evolução, pensou, de identidade e de coragem através do disfarce e...

Ergueu o olhar e piscou os olhos.

Com a mente cheia da absorvente Rosalinda, fitou Mac.

— Olá. Desculpa interromper.

Ele pôs-se desastradamente de pé, espalhando os papéis e fazendo alguns cair para o chão.

— Não faz mal. Não há problema. Eu estava só...

Dobrou-se para apanhar os papéis ao mesmo tempo que Mac e deu-lhe uma cabeçada.

— Desculpa, desculpa. — Ainda agachado, encontrou o olhar dela. — Merda.

Ela sorriu e mostrou as covinhas nas faces.

— Olá, Carter.

— Olá. — Pegou nos papéis que ela lhe estendia. — Estava só a preparar alguns pontos para lançar uma discussão sobre Rosalinda.

— Qual Rosalinda?

— A de Shakespeare. *Como Lhe Arouver?*

— Ah, é aquele com a Emma Thompson?

— Não, esse é o *Muito Barulho por Nada*. Rosalinda é sobrinha do duque Frederico, banida da sua corte, que se disfarça de Ganimedes, um jovem.

— O irmão gémeo dela, não é?

— Não, na verdade isso é na *Noite de Reis*.

— Confundo-as.

— Bem, embora haja alguns paralelismos entre *Como Lhe Arouver* e *Noite de Reis*, quanto ao tema e à estratégia, as duas peças tratam de maneira marcadamente divergente... Desculpa, não importa. — Pousou os papéis e tirou os óculos de leitura, como que a preparar-se para enfrentar as consequências das suas ações. — Queria pedir-te desculpa por...

— Já pediste. Pedes desculpa a todas as mulheres que beijas?

— Não, mas dadas as circunstâncias... — *Deixa andar, Carter*. — Seja como for, que posso fazer por ti?

— Passei por aqui para te dar isto. Ia deixá-lo na receção, mas disseram-me que estavas livre, e pensei entregar-to pessoalmente.

Estendeu-lhe um pacote embrulhado em papel castanho.

— Podes abrir — disse quando ele se limitou a corar. — É apenas simbólico. Queria demonstrar o meu apreço por me deixares descarregar em ti na outra noite, e pela ressaca que me poupaste. Achei que devias gostar.

Ele abriu cuidadosamente o embrulho, descolando a fita e os cantos dobrados. E tirou a fotografia mate, com uma simples moldura preta. Contra o branco e o negro da neve e das árvores invernosas, o cardeal parecia uma chama viva.

— É maravilhosa.

— É boa. — Ela observou-a com ele. — Um daqueles momentos de sorte. Tirei-a ontem de manhã. Não é um saltitão de barriga encrespada mas, afinal, é o nosso pássaro.

— O nosso... Ah, claro. E tu vieste aqui para mo dar. — A satisfação fê-lo corar quase tanto como o embaraço. — Pensei que estivesse zangada comigo, depois...

— De me teres beijado até me fazer explodir o cérebro — terminou ela. — Seria uma estupidez. Além disso, se estivesse chateada, ter-te-ia dado um pontapé no rabo naquele preciso momento.

— Acredito. Mesmo assim, eu não devia...

— Eu gostei — interrompeu ela, deixando-o sem palavras. Virou-se e vagueou pela sala. — Então, esta é a tua sala de aula, onde tudo acontece.

— Sim, é minha. — Porquê, santo Deus, porque não conseguia que o cérebro e a boca funcionassem em conjunto?

— Há anos que não voltava aqui. Está tudo com o mesmo aspeto, transmite-me a mesma sensação. As pessoas não costumam dizer que a escola parece mais pequena quando regressam, depois de adultos? A mim, na verdade, parece-me maior. Grande, aberta e cheia de luz.

— Tem um grande desenho, o edifício, quero dizer. Áreas abertas e... Mas tu falavas mais metaforicamente.

— Talvez. Acho que tive algumas aulas nesta sala. — Ela caminhou em volta das secretárias até às três janelas ao longo da parede sul. — Acho que costumava sentar-me aqui e olhar pela janela, em vez de prestar atenção. Adorava esta escola.

— A sério? Muitas pessoas não têm boas memórias da escola secundária. Normalmente é uma guerra de políticas e personalidades, desencadeada pelas balas de canhão hormonais.

Ela lançou-lhe um sorriso.

— Podias pôr isso numa t-shirt. Não, não gostei assim tanto da escola secundária. Gostava porque a Parker e a Emma estudavam cá. Só vim aqui um par de semestres, um no décimo e outro no décimo primeiro, mas preferia-a à secundária de Jefferson. Embora a Laurel frequentasse essa, era tão grande que mal nos víamos. — Mac voltou para trás. — Políticas e guerras à parte, a escola secundária continua a ser um animal social. Como voltaste à sala de aula, calculo que tenhas adorado cada minuto.

— Para mim, a escola secundária foi uma questão de sobrevivência. Os *nerds* são um dos níveis mais baixos da estratificação social, alternadamente denegridos, ignorados ou ofendidos pelos que se encontram nos outros níveis. Eu podia escrever um ensaio.

Ela olhou-o com curiosidade.

— Alguma vez fiz isso?

— Escrever um ensaio? Não, referes-te à outra parte. Não notar é diferente de ignorar.

— Às vezes é pior — murmurou Mac.

— Pergunto-me se podemos voltar à outra noite e à tua resposta «Eu gostei.» Podes ser mais específica, para o caso de eu estar a interpretar mal?

Apenas conseguiu fazê-la sorrir.

— Acho que não estás a interpretar-me mal. Mas...

— Dr. Maguire?

A rapariga hesitou junto da porta, irradiando frescura e juventude no uniforme azul-marinho, muito formal, da academia. Mac apercebeu-se dos sinais — o rosto corado, os olhos orvalhados — e pensou: *A miúda tem um fraquinho sério pelo professor.*

— Ah... Julie. Diz.

— Disse que eu podia vir agora para falarmos acerca do meu ensaio.

— Certo. Dá-me só um minuto para...

— Vou deixar de te estorvar — disse Mac. — A verdade é que estou atrasada. Gostei de voltar a vê-lo, *Doutor Maguire.*

Saiu da sala, passando pela jovem e bonita Julie, e virou na direção das escadas. Ele apanhou-a antes de chegar a meio caminho.

— Espera.

Quando ela parou e se virou, Carter pôs-lhe uma mão no braço.

— O facto de não te estar a interpretar mal inclui poder telefonar-te?

— Podes telefonar. Ou podemos encontrar-nos para uma bebida depois das aulas.

— Sabes onde é o Coffee Talk?

— Vagamente. Consigo encontrá-lo.

— Quatro e meia?

— Posso chegar às cinco.

— Cinco. Ótimo. Eu... Vemo-nos lá.

Ela continuou a descer, olhando para trás quando chegou ao fundo das escadas. Carter continuava no mesmo sítio, de mãos nos bolsos das calças de caqui, o casaco de *tweed* um pouco largo e o cabelo despenteado.

Pobre Julie, pensou Mac ao continuar. *Pobre jovem Julie, sei exatamente como te sentes.*

...

— Convidaste-a para o Coffee Talk? Que se passa contigo?

Carter fez uma carranca enquanto enchia a pasta de livros e dossiês.

— Qual é o problema com o Coffee Talk?

— É onde vai o pessoal e os alunos. — Bob Tarkinson, professor de Matemática e autoproclamado especialista em assuntos do coração, abanou tristemente a cabeça.

— Se queres engatar uma mulher, leva-la a tomar um copo. Mas tem de ser num bom bar, Carter. Alguma coisa com um certo ambiente e intimidade.

— Nem todos os contactos com mulheres são para as engatar.

— Só um em cada dois, pronto.

— Tu és casado — salientou Carter. — E tens um bebé a caminho.

— É por isso que sei. — Bob encostou uma anca à secretária de Carter, pondo uma expressão sábia no rosto agradável. — Achas que convenci uma mulher como a Amy a casar comigo levando-a a tomar um café? Claro que não. Sabes o que funcionou para mim e para a Amy?

— Sei, Bob. — *Porque já me disseste um milhar de vezes.* — No vosso segundo encontro fizeste-lhe um jantar, e ela apaixonou-se por ti por causa dos teus escalopes de frango.

Ainda com ar sábio, Bob abanou o dedo.

— Ninguém se apaixona por ninguém a tomar um café com leite, Carter. Acredita em mim.

— Ela nem sequer me conhece verdadeiramente. Então, a parte de apaixonar-se é irrelevante. E estás a pôr-me nervoso.

— Tu já estavas nervoso. Ok, fica pelo café para veres como corre. Se ainda estiveres interessado, faz o telefonema de seguimento amanhã. O mais tardar, no dia seguinte. Um jantar.

— Não vou fazer escalopes de frango.

— Não és capaz de cozinhar porra nenhuma, Maguire. Além disso, essa coisa do café não é oficialmente um primeiro encontro. Leva-a a sair. Quando estiveres pronto para fechar negócio, dou-te uma receita. Qualquer coisa simples.

— Santo Deus. — Carter coçou o espaço entre as sobrancelhas, onde se acumulava a tensão. — É por isso que evito encontros com mulheres. São um inferno.

— Evitas encontros porque a Corrine te destruiu a autoconfiança. É bom que voltes a campo, e com alguém fora da tua esfera. — Deu-lhe uma palmadinha de apoio no ombro. — Que disseste que ela fazia?

— É fotógrafa. Tem um negócio de casamentos com outras três amigas. Vão organizar o casamento da Sherry. Nós, eu e a Mackenzie, andámos juntos na escola secundária durante uns cinco minutos.

— Espera. Espera! Mackenzie? A ruiva por quem tinhas um fraquinho nessa altura?

Derrotado, Carter voltou a esfregar o espaço entre as sobrancelhas.

— Não te devia ter contado. É por isso que raramente bebo.

— Mas, Carter, isto é o destino. — As palavras transmitiam a excitação que sentia. — É como o retorno do *nerd*. É a grande hipótese de recuperar uma oportunidade perdida.

— É um café — murmurou Carter.

Corado de entusiasmo, Bob deu um salto e pegou num pau de giz. Desenhou um círculo no quadro. — É obviamente um círculo. Estás a completar um, e completá-lo significa levar o ponto A e o ponto B — fez dois pontos dentro do círculo e uniu-os horizontalmente — até ao ponto C. — Desenhou outro ponto no ápex e uniu-o aos anteriores com duas linhas diagonais. — Vês?

— Sim, estou a ver um triângulo dentro de um círculo. Tenho de ir.

— É o triângulo do destino dentro do círculo da vida!

Carter pegou na pasta.

— Vai para casa, Bob.

— Não podes discutir com a matemática, Carter. Perdes sempre.

Carter escapou-se, avançando rapidamente pela escola quase vazia, com os passos a ecoarem atrás dele.

CAPÍTULO CINCO



Ela estava atrasada. Talvez nem viesse. Podia ter acontecido alguma coisa, pensou Carter. Se ele tivesse alguns neurónios a funcionar, tinha-lhe dado o número do seu telemóvel, para que lhe pudesse ligar a cancelar.

Assim, tinha de ficar ali sentado, sozinho.

Quanto tempo? Os quinze minutos que já esperara não eram suficientes. Meia hora? Uma hora? Será que esperar sozinho durante uma hora o transformava num falhado patético?

Achou que sim.

Estúpido, disse a si mesmo, fazendo de conta que bebia mais chá verde. Ele já tivera encontros antes — muitos. Estivera numa relação séria e íntima com uma mulher durante quase um ano. Por amor de Deus, vivera com ela.

Até ela o ter deixado para se ir embora com outro.

Mas isso não vinha ao caso.

Era só um café. Ou, no seu caso, chá. E ele estava nervoso por causa de um encontro casual, como se fosse uma rapariguinha idiota à espera do par no baile de finalistas.

Voltou a fingir que lia o livro e que bebia o chá. E forçou-se a não olhar para a porta do café como um gato esfomeado a vigiar o buraco do rato.

Esquecera-se — ou há bastante tempo que deixara de notar — como o lugar era barulhento. Esquecera quantos dos seus alunos frequentavam o café. Bob tivera razão em considerar aquele lugar uma má escolha.

Havia reservados e bancos coloridos, apinhados de rapazes dos últi-

mos anos da academia e da secundária local, assim como pessoas de vinte e poucos anos e alguns professores.

As luzes eram demasiado vivas e as vozes demasiado altas.

— Desculpa, estou atrasada. A sessão prolongou-se.

Ele piscou os olhos enquanto Mac se sentava na cadeira em frente da sua.

— O quê?

— Devias estar mesmo absorvido no livro. — Ela inclinou a cabeça para ler o título. — Lawrence Block? Não devias ler Hemingway ou Trollope?

— A ficção popular é uma força importante e viável da literatura. É por isso que é popular. Ler pelo simples prazer de ler é... lá ia eu dar outra aula. Desculpa.

— O modo professor fica-te bem.

— Acho que isso é uma coisa positiva, na sala de aula. Não percebi que estavas a trabalhar quando passaste pela academia. Podíamos ter combinado mais tarde.

— Só umas reuniões com clientes e uma sessão fotográfica. Tenho uma noiva que, não sei porquê, quer todos os momentos do seu planeamento documentados fotograficamente por um profissional. Por mim está bem, significa dinheiro no banco. Documentei o vestido de noiva e a mãe dela a chorar. Os soluços roubaram algum tempo com que não contara.

Ela tirou o gorro e ajeitou o cabelo com os dedos enquanto observava o espaço.

— Nunca cá tinha vindo. Tem boa energia. — Abriu mais o sorriso para a rapariga que veio atendê-la.

— Sou a Dee. Que posso servir-lhe?

— Acho que nos vamos divertir. Que tal um *latte machiato* duplo, com baunilha?

— Muito bem. Outro chá verde para si, Dr. Maguire?

— Não, estou bem assim. Obrigado, Dee.

— Não és um fã de cafés esquisitos? — perguntou Mac quando Dee se afastou.

— A esta hora do dia, não. Mas o café é bom. Costumo parar aqui de manhã para tomar um *cappuccino* antes do trabalho. Eles também vendem o grão, por isso se gostas de café... Tenho de tirar isto do caminho. Não consigo pensar. E, não sendo capaz de pensar, a minha conversa imbecil vai adormecer-te apesar do café duplo.

— Está bem. — Mac repousou o queixo no punho. — Tira lá do caminho o que quer que seja.

— Quando andava na secundária, tinha um fraquinho por ti.

Ela ergueu as sobrancelhas e endireitou-se.

— Por mim? A sério?

— Sim. Pelo menos, para mim. E é mortificante levantar o assunto, doze anos depois dos factos, mas está a influenciar a situação atual. Pelo menos, para mim.

— Mas... praticamente não me lembro de nenhuma vez que tenhas falado comigo.

— Não falei. Não era capaz. Nessa altura eu era dolorosamente tímido, especialmente em situações sociais, de qualquer género. Tudo, principalmente se envolvesse raparigas. As raparigas que me atraíam, melhor dizendo. E tu eras tão...

— *Latte machiato* duplo, com baunilha. — Dee pousou o copo gigante na mesa e alguns biscoitos miniatura num pires. — Bom proveito.

— Não pares agora — pediu Mac. — Eu era tão quê?

— Ah, tu. O cabelo, as covinhas, tudo.

Mac pegou no biscoito e recostou-se, mordiscando uma ponta e observando-o.

— Carter, quando eu andava na escola secundária, parecia uma estaca com cenouras a crescerem-me na cabeça. Tenho fotografias que o provam.

— Para mim, não. Eras brilhante, viva, confiante. — Ainda era, pensou ele. Bastava olhar para ela. — Sinto-me um idiota por te dizer isto, mas não me sai da cabeça. Já sou demasiado desastrado, mesmo sem colocar os meus próprios obstáculos. Por isso, aí tens.

— O beijo da outra noite foi o resultado desse fraquinho antigo?

— Tenho de dizer que sim, em parte. Foi tudo tão surreal.

Ela chegou-se outra vez para a frente, para pegar no café.

— Nenhum de nós é o mesmo que era na escola secundária.

— Santo Deus, espero que não. Eu era um desastre.

— E quem não era? Sabes, Carter, a maioria dos rapazes teria usado esse fraquinho da escola secundária como uma estratégia, ou não me diria nada. Isso interessa-me, tu interessas-me, porque não fizeste uma coisa nem outra. És sempre tão franco nos teus encontros para tomar café?

— Não sei. Foste a única por quem tive um fraquinho.

— Oh, caramba!

— E isto foi uma estupidez. — Novamente corado, ele passou os dedos pelo cabelo. — Agora assustei-te. O que acabei de dizer parece assustador e obsessivo, como se tivesse algures um altar com as tuas fotografias, onde acendo velas e entoo o teu nome. Caramba, isto ainda é mais assustador. Aproveita para fugir, não te censurarei.

Ela desatou a rir e teve de pousar o café para não o entornar.

— Fico, se jurares que não tens o altar.

— Não tenho. — Cruzou os dedos sobre o coração. — Se ficas por teres pena de mim, ou porque gostas mesmo do café, já serve.

— O café é mesmo bom. — Bebeu mais um pouco. — Não é pena, mas não sei bem o que é. És um homem interessante, e deste-me apoio quando eu precisei. Beijas mesmo bem. Porque não tomar o café? Já que estamos aqui, conta-me por que razão alguém tão dolorosamente tímido escolheu o ensino.

— Tive de ultrapassar a timidez. Queria ensinar.

— Desde sempre?

— Praticamente. Antes disso, queria ser um super-herói. Talvez um dos X-Men.

— O professor supermutante. Podias ter sido o Educador.

Ele sorriu-lhe.

— Agora desmascaraste a minha identidade secreta.

— Então, como é que o Rapaz Tímido se transformou no Educador Poderoso?

— Estudo, treino. E algumas práticas. Suei de pânico nas primeiras semanas do curso que fiz na universidade para falar em público. Mas ajudou. E trabalhei como professor assistente com algumas turmas, como uma espécie de transição. Fui professor assistente de uma das turmas do Delaney no nosso segundo ano. Ah... — Começou a rodar a chávena na mão. — Caso o assunto surja alguma vez, eu, ocasionalmente, perguntava-lhe por vocês. Pelas quatro, sem destacar nenhuma. O Quarteto, era como ele vos chamava.

— Ainda o faz, de vez em quando. Agora é o nosso advogado. Da empresa.

— Ouvi dizer que é bom.

— E é. Trata de todas as questões legais. Quando os pais morreram, ele e a Parker herdaram a propriedade. Ele não queria viver ali, nessa altura já tinha casa própria. A Parker não teria sido capaz de a manter só como uma casa. Como a casa dela. Ou, mesmo que tivesse podido, não me parece que tivesse aguentado viver ali sozinha. A casa tão grande, as memórias. Não poderia ter vivido lá sozinha.

— Não, teria sido duro e solitário. Com todas vocês lá, é diferente.

— Ficou tudo diferente, para toda a gente. Ela já tinha a ideia do negócio dos cozinhados, e conversámos todas acerca disso. Depois falou com o Del acerca de dar essa utilização à propriedade. Ele foi fantástico. Também era herdeiro, por isso arriscou connosco.

— Parece ter feito a escolha correta. Segundo a minha mãe e a Sherry, a Votos é a empresa de casamentos de Greenwich.

— Percorremos um longo caminho. O primeiro ano foi muito incerto

e assustador, porque tínhamos investido todas as nossas poupanças e tudo o que conseguimos pedir, tomar de empréstimo e roubar. Os custos do arranque da empresa, licenças, *stock*, equipamento. A despesa de transformar a casa de apoio à piscina para mim, a casa de visitas para a Emma. O Jack fez o projeto de graça. Lembra-te do Jack Cooke? Não o conheces? Ele e o Del conheceram-se na universidade.

— Sim, um pouco. Lembro-me de que eram muito chegados.

— Yale é uma aldeia — comentou Mac. — Ele é arquiteto. Dedicou muito tempo à transformação. E poupou-nos sabe Deus quanto em honorários e falsas partidas. No segundo ano ainda estávamos só a tentar manter a cabeça à tona de água, todas com outros empregos para nos aguentarmos. No terceiro, conseguimos aliviar. Compreendo o que é trabalhar com o suor do pânico, para conseguirmos o que queremos.

— E porquê fotografia de casamentos? Quero dizer, especificamente para ti. Não me parece que fosse só porque fazia falta na empresa.

— Não, não foi só por isso. Nem foi essa a primeira razão, julgo eu. Gosto de fotografar pessoas. Os rostos, os corpos, as expressões, as dinâmicas. Antes de abriremos a Votos, trabalhei num estúdio de fotografia. Daqueles onde as pessoas levam os miúdos para tirar o retrato ou para publicidade. Pagava as contas, mas...

— Não era satisfatório.

— Não era mesmo. Gosto de tirar fotografias às pessoas naquilo que penso como momentos. O momento definidor? Esse é o cume da montanha. Mas há muitos outros momentos. Casamentos, o ritual dos casamentos e a maneira como os envolvidos lhe introduzem pequenas alterações para o adaptarem a si mesmos... isso é um grande momento. — Sorrindo, Mac ergueu a chávena com ambas as mãos. — Drama, *pathos*, teatro, dor, alegria, romance, paixão, humor. Tem de tudo. E eu posso dar-lhes isso tudo através de fotografias. Mostrar-lhes aquele dia como uma viagem, e, se tiver sorte, aquele momento definidor que eleva as coisas do vulgar ao único. O que é a maneira longa de dizer que gosto do meu trabalho.

— Percebo isso e o que queres dizer com o momento, a satisfação que este permite. É como quando eu vejo a mente, nem que seja de um único aluno, abrir-se e absorver o que estive a tentar dizer-lhes. Faz valer a pena todas as horas que apenas pareceram rotina.

— Acho que não proporcionei aos meus professores muitos momentos desses. Só queria despachar a escola e sair para onde pudesse fazer o que queria. Nunca os vi como entidades criativas. Era mais como guardas. Era uma aluna péssima.

— Eras inteligente. O que nos leva de volta à obsessão adolescente. Mas posso dizer-te que notei que eras inteligente.

— Não tínhamos nenhuma aula juntos. Tu estavas uns dois anos à minha frente, não era? Ah, espera, foste assistente do professor numa das minhas aulas de Inglês, não foi?

— A quinta hora do professor Lowen, Literatura Americana. Agora esquece que eu disse isto.

— Nem penses. Bem, não estou a fugir, mas tenho de ir. Tenho outra sessão. Na verdade, é a fotografia de noivado da tua irmã.

— Não tinha percebido que era assim tão rápido.

— O senhor doutor tem o serão livre, por isso aproveitámos. Mas tenho de ir, ter uma ideia da casa e de como são os dois juntos.

— Acompanho-te ao carro. — Pôs algumas notas debaixo do pires.

Antes de ela ter tempo de vestir o casaco, ele ajudou-a a fazê-lo. Abriu-lhe a porta e saiu com ela para o frio implacável.

— Estacionei a um quarteirão e meio, não tens de me acompanhar. Está um gelo!

— Não há problema. Vim a pé de casa.

— Vieste a pé?

— Não moro assim tão longe, por isso vim a pé.

— Certo. Gostas de andar. Já que estamos aqui — disse Mac enquanto passavam diante de cafés e restaurantes —, vou perguntar uma coisa de que me esqueci dado o rumo da nossa conversa. *Doutor Maguire?* Fizeste o doutoramento?

— No ano passado, finalmente.

— *Finalmente?*

— Visto que foi o aspeto mais importante da minha vida durante dez anos, «finalmente» parece-me a palavra apropriada. Comecei a pensar na tese antes de me licenciar. — Como se ainda não se tivesse mostrado suficientemente intelectualoide! — Voltarás a encontrar-te comigo? Eu sei que isto não vem a propósito, mas não me sai da cabeça. Se a resposta for não, é melhor que eu saiba.

Ela não disse nada até chegarem ao carro e examinou-o enquanto tirava as chaves do bolso.

— Aposto que tens uma caneta e onde escrever, tudo à mão.

Carter procurou sob o sobretudo e, do bolso do casaco de *tweed*, tirou um caderninho e uma caneta.

Com um aceno, Mac pegou neles e procurou uma página em branco.

— Esta é a minha linha pessoal, não a profissional. Telefonas-me?

— Posso telefonar. Daqui a uma hora é capaz de ser demasiado cedo, não?

Ela riu e devolveu-lhe o caderno e a caneta.

— Não há dúvida de que me alimentas o ego, Carter.

Virou-se para abrir a porta mas ele foi mais rápido. Comovida e divertida, Mac entrou no carro e deixou-o fechar a porta. Abriu a janela. — Obrigada pelo café.

— De nada.

— Tira-te do frio, Carter.

Quando ela arrancou, ele observou o carro até as luzes traseiras desaparecerem. Depois deu meia-volta na direção do café e percorreu a pé os três quarteirões até à sua casa.

A breve acalmia no negócio em janeiro deixou Mac com bastante tempo disponível. Sabia que podia usá-lo para organizar os dossiês e atualizar as suas várias páginas na internet. Arrumar a confusão embaraçosa do seu roupeiro ou pôr em dia correspondência negligenciada. Podia usá-lo para ler um bom livro ou sentar o rabo diante da TV e empanturrar-se de DVD e pipocas.

Mas não conseguia acalmar-se e acabou por ir parar ao sofá do escritório de Parker.

— Estou a trabalhar — disse esta sem erguer o olhar.

— Chamem os jornais! A Parker está a trabalhar.

Parker continuou a teclar.

— Depois deste breve intervalo, temos marcações para muitos meses. Meses, Mac. Este será o nosso melhor ano. Mesmo assim, ainda temos duas semanas em aberto no mês de agosto. Estou a pensar num pacote de final de verão, algo que atraia casamentos mais pequenos, dos que se organizam rapidamente. Podemos promover isso quando tivermos a nossa «casa aberta» em março, se não arranjarmos reservas antes.

— Vamos todas sair.

— Que dizes?

— Vamos sair as quatro. A Emma deve ter um encontro, mas obrigamo-la a cancelar e a partir o coração ao pobre tipo que nenhuma de nós conhece. Será divertido.

Parker parou de teclar e rodou a cadeira alguns centímetros.

— Sair para onde?

— Tanto faz. Cinema, discoteca. Beber, dançar, comportarmo-nos como putas. Caramba, alugamos uma limusina e vamos a Nova Iorque fazer as coisas em grande estilo.

— Queres alugar uma limusina para ir a Nova Iorque beber, dançar e comportar-te como puta?

— Está bem, desisto da última parte. Vamos só sair daqui, Parker. Passar uma noite a fazer qualquer coisa divertida.

— Temos duas reuniões amanhã, além das nossas sessões individuais.
— E então? — Mac ergueu as mãos. — Somos jovens, somos resistentes. Vamos a Nova Iorque partir os corações e os tomates a homens que nunca vimos nem voltaremos a ver.

— Essa ideia parece-me altamente intrigante. Porquê? Que se passa contigo?

Mac saltou do sofá e pôs-se a andar pela sala. Era um escritório lindo. Tão Completamente Parker, pensou. Cores suaves e subtis. Elegância e classe brilhando sobre uma eficiência quase brutal.

— Estou a pensar num tipo que está a pensar em mim. E pensar que ele está a pensar em mim, deixou-me alterada. Na verdade, não sei se estou a pensar nele porque ele está a pensar em mim, ou se estou a pensar nele porque ele é giro, divertido, doce e *sexy*. Usa *tweed*, Parker. — Parou e ergueu novamente os braços. — Quem usa *tweed* são os avós, e os velhotes nos filmes ingleses antigos. Porque acho *sexy* ele usar *tweed*? É uma pergunta que me assola.

— Carter Maguire.

— Sim, sim. Carter Maguire. O Doutor Maguire... do género doutorado. Bebe chá e fala sobre a Rosalinda.

— Qual Rosalinda?

— Foi o que eu perguntei. — Justificada, deu meia-volta. — A do Shakespeare.

— Oh, *Como Lhe Aprover*.

— Cabra. Devia saber que tu sabias. Tu é que devias sair com ele.

— Porque haveria de sair com o Carter? Além de ele não ter mostrado qualquer interesse em mim.

— Porque tu andaste em Yale. E eu sei perfeitamente que isso não tem nada a ver, mas o facto de o dizer é muito significativo. Quero sair e fazer disparates. Recuso-me a ficar aqui à espera que ele telefone. Sabes quando foi a última vez que me rebaixei a esperar que um homem me telefonasse?

— Deixa-me ver... Deve ter sido nunca.

— Exatamente. Não faço essas coisas.

— Neste caso, quanto tempo esperaste?

— Cerca de dezoito horas. Ele tinha um fraquinho por mim no liceu. Que género de homem te diz uma coisa dessas? Te deposita o poder nas mãos desta maneira? Agora tenho o poder e isso está a assustar-me. Vamos a Nova Iorque!

Parker rodou para trás e para a frente na cadeira.

— Ir a Nova Iorque para beber e partir os corações de homens estranhos resolverá o teu dilema atual?

— Sim.

— Bem, então vamos a Nova Iorque. — Parker pegou no telefone. — Chama a Emma e a Laurel. Eu trato dos pormenores.

— Viva! — Mac executou uma dança rápida, correu a abraçar Parker o tempo suficiente para lhe plantar um beijo repenicado, e desapareceu da sala.

— Pois, pois — murmurou Parker enquanto ligava para a empresa de limusinas. — Veremos se tu e a tua ressaca dançam e cantam de manhã.

No banco de trás da comprida limusina preta, Mac esticou as pernas, realçadas pela minissaia. Livrara-se dos sapatos de salto alto no início da viagem de duas horas para Manhattan. Bebericava o segundo copo de champanhe que Parker trouxera.

— Isto é fantástico. Tenho as melhores amigas do mundo.

— Sim, isto é duro. — Laurel ergueu o copo. — Viajar de limusina, beber champanhe, ir em direção a uma das melhores discotecas de Nova Iorque... graças aos conhecimentos da Parker. Os sacrifícios que fazemos por ti, Mackensie.

— A Em cancelou um encontro amoroso.

— Não era um encontro amoroso — corrigiu Emma. — Era um Pode Ser Que Façamos Qualquer Coisa Esta Noite.

— Cancelaste isso.

— É verdade. Deves-me essa.

— E também à Parker, por ter feito tudo isto acontecer. Como sempre. — Mac fez um brinde à amiga que estava sentada do lado oposto da limusina, falando ao telemóvel com um cliente. Parker fez um gesto para mostrar que as ouvia e continuou a pôr água na fervura.

— Parece-me que estamos quase a chegar. Vá lá, Parker, desliga — disse Mac num à parte. — Estamos quase a chegar.

— Hálito, maquilhagem, cabelo — anunciou Emma tirando um espelhinho da mala.

Distribuíram pastilhas de hortelã-pimenta e retocaram o batom. Quatro pares de sapatos foram introduzidos em quatro pares de pés.

E, finalmente, Parker desligou o telefone.

— Santo Deus! A dama de honor da Naomi Right acabou de descobrir que o namorado, irmão e padrinho do noivo, tem um caso com a sócia. Está furiosa, como se poderia esperar, e recusa-se a ser dama de honor se o traidor não for banido do casamento. A noiva está frenética e pôs-se do lado da dama de honor. O noivo está chateado, tem vontade de estrangular o traidor, mas não é capaz de impedir o próprio irmão de ir ao casamento, nem de arranjar outro padrinho. Os noivos mal se falam.

— O casamento dos Right. — Laurel cerrou os olhos. — É em breve, não é?

— De sábado a uma semana. A contagem final dos convidados era de cento e noventa e oito. Este vai ser uma dor de cabeça. Consegui acalmar a noiva. Claro que ela tem razões para estar aborrecida, claro que tem razão em apoiar a amiga. Mas tem de se lembrar que o casamento é entre ela e o noivo, e dos apuros em que está metido o homem que ama, sem culpa nenhuma. Vou encontrar-me com os dois amanhã, tentar ajeitar as coisas.

— Se o traidor e a traída forem ao casamento, e ainda mais se ficarem para a festa, vai ser feio.

— Sim — concordou Parker com um suspiro. — Mas resolveremos isso. Ainda é um pouco pior, porque a sócia também é convidada, e o malandro traidor diz que se ela for tirada da lista, ele também não vai.

— Bem, ele é um canalha. — Laurel encolheu os ombros. — O noivo terá de ter uma conversa séria com o irmão.

— Isso também está na minha lista de sugestões para a reunião de amanhã. Mas em termos mais diplomáticos.

— Isso é assunto para amanhã. Nada de telefonemas de trabalho durante a terapia de beber, dançar e partir corações.

Parker não garantiu, mas guardou o telemóvel na carteira.

— Muito bem, meninas. — Atirou o cabelo para trás. — Vamos provocar.

Saíram da limusina e atravessaram a fila de pessoas que aguardava esperançosamente no exterior da discoteca. Parker disse o nome à entrada e não tardaram a penetrar nas paredes de música.

Mac percorreu o espaço com a vista. Dois andares de reservados, mesas e banquetas, deixavam espaço para uma pista de dança central. De cada lado, sob uma cascata de luzes coloridas, havia balcões de aço inoxidável.

A música troava, os corpos rodopiavam. E a disposição de Mac subiu alguns pontos.

— Adoro quando um plano se concretiza.

Começaram por procurar uma mesa e Mac considerou de bom augúrio conseguirem um banco onde se puderam espremer as quatro.

— Observem as espécies — disse Mac. — É a minha primeira regra. Observar a plumagem, os rituais, antes de fazer qualquer tentativa de aclimação.

— Deixa-te disso. Vou buscar bebidas. Continuamos no champanhe? — quis saber Emma.

— Compra uma garrafa — decidiu Parker.

Laurel revirou os olhos quando Emma se saracoteou em direção ao bar mais próximo.

— Vocês sabem que se vão atirar a ela uma dúzia de vezes antes que consiga pedir seja o que for, e ela sentir-se-á obrigada a fazer conversa enquanto os tipos se lhe babam em cima. Morreremos todas de sede antes de ela voltar. Parker, deves ir lá, pôr o teu manto invisível «Não te metas comigo» até estarmos servidas.

— Dá-lhe alguns minutos, primeiro. Mac, que tal vai o fator medo?

— A diminuir. Nem consigo imaginar o inegavelmente giro Doutor Maguire num sítio destes. Vocês conseguem? Num recital de poesia, claro que sim, mas não aqui.

— Vejamos, isso é uma hipótese e uma conclusão com base na profissão dele. É como dizer que eu sou pasteleira, por isso devia parecer-me com o Poppy Fresco.

— Sim, é verdade, mas isto apoia a minha causa. Não quero envolver-me com ele.

— Por ter um doutoramento?

— Sim, além de uns olhos lindos, de um azul muito suave, que ficam mesmo sensuais atrás dos óculos. E há também o facto inesperado de beijar muito bem, o que pode tornar-me cega à verdade básica de não sermos adequados um para o outro. Além disso, qualquer relacionamento com ele, além da mais casual amizade, seria um relacionamento sério. Que poderia eu fazer acerca disso? E ele ajudou-me a vestir o casaco, duas vezes.

— Santo Deus. — Parker arregalou os olhos, em choque. — Tens de cortar o mal pela raiz, rapidamente, de uma vez por todas. Agora compreendo... qualquer homem que faça isso... Nem encontro as palavras.

— Oh, cala-te. Quero dançar. A Laurel vai dançar comigo enquanto a Parker se enfia no manto invisível e resgata o nosso champanhe... e resgata a Emma do seu próprio magnetismo.

— Parece que chegou a hora da aclimação — disse Laurel quando Mac a fez levantar e a encaminhou para a pista de dança.

Dançou com as amigas, com homens que a convidaram ou a quem ela convidou. Bebeu mais champanhe. Nos lavabos, decorados a vermelho e prata, massajou os pés doridos enquanto Emma se juntava ao exército de mulheres diante do espelho.

— Quantos números de telefone colecionaste?

Emma aplicou cuidadosamente batom.

— Não contei.

— Um número aproximado.

— Uns dez, acho eu.

— Como vais distingui-los uns dos outros?

— É um dom. — Ela olhou em volta. — Tens um em fila, já dei por isso. O tipo da camisa cinzenta.

— O Mitch. Dança bem, tem um belo sorriso. Não parece imbecil.

— Aí tens.

— Devia sentir formigueiros pelo Mitch — considerou Mac. — Mas não. Se calhar fui desformigada. Seria muito injusto.

— Talvez não o sintas pelo Mitch porque sentes pelo Carter.

— Tu sentes formigueiros por mais que um tipo ao mesmo tempo.

— Eu sim. Mas eu sou eu e tu és tu. Eu acho que os homens estão ali para me fazerem sentir formigueiros e, se eu puder fazer o mesmo por eles, toda a gente fica feliz. Tu és muito mais séria nessas questões.

— Não sou séria. É uma maldade dizeres isso. Vou voltar e dançar outra vez com o Mitch, aberta a formigueiros. Hás de engolir essas palavras, Emmaline. Com molho de chocolate.

Não resultou. Devia ter resultado, pensou Mac quando se sentou com Mitch no bar depois de outra dança. O homem era lindo, divertido, bem constituído; tinha um trabalho do mais interessante, como repórter de viagens, mas não a aborreceu mortalmente com incontáveis histórias sobre as suas aventuras.

Não ficou chateado nem a pressionou quando ela recusou a sugestão de irem para um sítio mais tranquilo. No fim da noite, trocaram os números de telefone profissionais e separaram-se.

— Esqueçamos os homens. — Às duas da manhã, Mac arrastou-se para a limusina e estendeu-se. — Vim para me divertir com as melhores amigas que tenho na terra e digo que a missão está cumprida. Santo Deus, temos aqui água?

Laurel passou-lhe uma garrafa e gemeu.

— Os meus pés! Os meus pés gritam como vozes de condenados.

— Diverti-me imenso. — Emma deslizou para o banco lateral da limusina e apoiou a cabeça nas mãos. — Devíamos fazer isto uma vez por mês.

Parker bocejou, mas deu uma palmadinha na carteira.

— Tenho dois novos contactos para vendedores e um cliente potencial.

Assim se vê a fibra de que cada um é feito, pensou Mac enquanto a limusina seguia para norte. Tirou os sapatos que agora a magoavam muito, fechou os olhos e dormiu o resto do caminho.